



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

JEIZE BRENDA COSTA DA SILVA

**MEMÓRIAS DE UM CORPO NEGRO:** uma análise sobre questões de identidades negras  
e racismo estrutural em *O Avesso da Pele*, de Jeferson Tenório

MACAPÁ-AP

2026

JEIZE BRENDA COSTA DA SILVA

**MEMÓRIAS DE UM CORPO NEGRO:** uma análise sobre questões de identidades negras e racismo estrutural em *O Avesso da Pele*, de Jeferson Tenório

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à banca examinadora do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês como requisito avaliativo para obtenção do título de Licencianda em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e respectivas literaturas.

Orientadora: Dra. Tatiana da Conceição Gonçalves

Coorientadora: Ma. Teresinha Rosa de Mescouto

MACAPÁ-AP

2026

**Biblioteca Institucional - IFAP**  
**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---


- S586m Silva, Jeize Brenda Costa da  
Memórias de um corpo negro: uma análise sobre questões de identidades negras e racismo estrutural em O Avesso da Pele, de Jeferson Tenório / Jeize Brenda Costa da Silva - Macapá, 2026.  
77 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Macapá, Licenciatura em Letras Português/Inglês, 2026.
- Orientadora: Dra. Tatiana da Conceição Gonçalves.  
Coorientadora: Ma. Teresinha Rosa de Mescouto.
1. Racismo estrutural. 2. Identidade negra. 3. O Avesso da Pele. I. Gonçalves, Dra. Tatiana da Conceição, orient. II. Mescouto, Ma. Teresinha Rosa de, coorient. III. Título.

JEIZE BRENDA COSTA DA SILVA

**MEMÓRIAS DE UM CORPO NEGRO: uma análise sobre questões de identidades negras e racismo estrutural em *O Avesso da Pele*, de Jeferson Tenório**


Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à banca examinadora do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês como requisito avaliativo para obtenção do título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e respectivas literaturas.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **TATIANA DA CONCEICAO GONCALVES**  
Data: 06/02/2026 21:06:12-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Profa. Dra. Tatiana da Conceição Gonçalves (Orientadora)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Documento assinado digitalmente  
 **TERESINHA ROSA DE MESCOUTO**  
Data: 07/02/2026 16:00:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Profa. Ma. Teresinha Rosa de Mescouto (Coorientadora)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Documento assinado digitalmente  
 **ANDRE ADRIANO BRUN**  
Data: 07/02/2026 17:14:00-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Me. André Adriano Brun  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Documento assinado digitalmente  
 **RAIMUNDO ALVES MEDEIROS NETO**  
Data: 07/02/2026 16:17:52-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Me. Raimundo Alves Medeiros Neto  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Apresentado em: 30 / 01 / 2026.

Conceito/Nota: 100.

Aos meus pais e irmãos, que compreenderam a minha ausência e me ofereceram o apoio necessário para chegar até aqui. Esta conquista também é de vocês.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me mantido de pé e perseverante mesmo em momentos difíceis.

À minha família, por terem acreditado em mim e nesse sonho que antes parecia tão distante da minha realidade.

À minha mãe, por todas as palavras de afeto, por sempre ser a minha maior incentivadora e por ser meu exemplo de força e coragem, que me inspiraram a me tornar a mulher que sou hoje.

Ao meu pai, pelo incentivo e por ter me ensinado que é preciso acreditar em dias melhores.

Aos meus irmãos, sobretudo à minha irmã Emilly Tauane, que esteve comigo neste período, demonstrando carinho e cuidado.

À minha namorada e amiga, Jeane Luiza, por ter sido tão cuidadosa, companheira, carinhosa e dedicada, sendo fundamental para este momento.

À minha orientadora, Tatiana Gonçalves, por sua paciência, pelas trocas cotidianas e intelectuais, por sua disponibilidade e dedicação, fazendo-se sempre presente.

À minha coorientadora, Teresinha Mescouto, por seu apoio e orientações imprescindíveis para que este trabalho se tornasse possível.

Aos meus colegas e amigos de curso Pablo e Andreo, pelo acolhimento e pelo apoio mútuo nos momentos de dificuldades.

À minha amiga, Esheley Beatriz, que me apoiou e respeitou minha ausência, para que eu pudesse me dedicar a este trabalho.

Aos professores do IFAP, por contribuírem significativamente na minha trajetória acadêmica.

A todos, muito obrigada por tudo!

“Em uma sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”.

(Angela Davis, 1981).

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar, por meio de uma análise literária da obra *O Avesso da Pele* (2020), de Jeferson Tenório, como se manifestam a identidade negra e o racismo estrutural na trama, partindo do entendimento de que o racismo está presente no tecido social desde o período da colonização e da escravidão, sustentando a perpetuação da marginalização da população negra na sociedade brasileira. Desse modo, o estudo percorre inicialmente a literatura brasileira, evidenciando a presença do negro, e, em seguida, discute a literatura afro-brasileira, articulando conceitos como raça, racismo, mito da democracia racial, ideologia do branqueamento e identidade negra. Por se tratar de uma temática complexa, foram utilizados aportes teóricos de estudos sociológicos e literários que discutem as relações étnico-raciais, como Almeida (2019), Duarte (2013), Santos (1983), Moura (1988) e Munanga (2004), entre outros. A pesquisa possui natureza qualitativa e caráter bibliográfico. Os resultados indicam que o racismo estrutural e suas implicações constituem fatores centrais que dificultam a construção plena da identidade negra. Ademais, conclui-se que esse processo não ocorre de forma positiva sem o desenvolvimento da consciência racial, fundamentada na valorização da cultura e da história negra.

Palavras-chave: o avesso da pele; racismo; identidade negra; literatura afro-brasileira.

## ABSTRACT

The present study aimed to investigate, through a literary analysis of the work *O Avesso da Pele* (2020), by Jeferson Tenório, how Black identity and structural racism are manifested in the narrative, based on the understanding that racism has been embedded in the social fabric since the period of colonization and slavery, sustaining the perpetuation of the marginalization of the Black population in Brazilian society. Thus, the study initially examines Brazilian literature, highlighting the presence of Black people, and subsequently discusses Afro-Brazilian literature, articulating concepts such as race, racism, the myth of racial democracy, the ideology of whitening, and Black identity. Given the complexity of the theme, theoretical contributions from sociological and literary studies that address ethnic-racial relations were employed, such as Almeida (2019), Duarte (2013), Santos (1983), Moura (1988), and Munanga (2004), among others. The research adopts a qualitative approach and has a bibliographic nature. The results indicate that structural racism and its implications constitute central factors that hinder the full construction of Black identity. Furthermore, it is concluded that this process does not occur positively without the development of racial consciousness, grounded in the appreciation of Black culture and history.

**Keywords:** o avesso da pele; racism; Black identity; Afro-Brazilian literature.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Processo de construção de identidade negra, baseado nas ideias de Neusa Santos (1983)	36
Tabela 2 – Etapas da pesquisa bibliográfica	41
Tabela 3 – Algumas abordagens policiais vivenciadas pelo personagem Henrique	49
Tabela 4 – Algumas passagens da obra que retratam as microagressões	58

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	14
<b>2.1</b>	<b>Da Formação da Literatura Brasileira ao Surgimento da Literatura Afro-Brasileira</b>	15
2.1.1	A Era Nacional do Romantismo ao Modernismo: A presença do Negro na Literatura	15
2.1.2	A Literatura Afro-Brasileira	21
2.1.3	Concisa apresentação do autor e da obra <i>O Avesso da Pele</i>	24
<b>2.2</b>	<b>Racismo no Brasil</b>	25
2.2.1	Alguns reflexos diretos do racismo estrutural	28
<b>2.3</b>	<b>Entre o Mito e a Realidade: A Construção da Identidade Negra no Brasil</b>	31
2.3.1	O Mito da Democracia Racial e a Ideologia do Branqueamento	32
2.3.2	A Identidade Negra	35
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	39
<b>3.1</b>	<b>Aspectos metodológicos de natureza geral</b>	39
3.1.1	<i>Corpus</i> de Análise e Procedimentos de Coleta de Dados	41
3.1.2	Procedimentos de Análise de Dados	42
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DO ROMANCE</b>	44
<b>4.1</b>	<b>As representações do racismo estrutural: as marcas que ficam</b>	44
4.1.1	O racismo escancarado como experiência estruturante da identidade	46
4.1.2	As microagressões cotidianas	54
4.1.3	A objetificação do corpo negro como reflexo do racismo estrutural	60
<b>4.2</b>	<b>A construção da identidade de Henrique: <i>o tornar-se negro</i></b>	63
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	70
	<b>REFERÊNCIAS</b>	72

## 1 INTRODUÇÃO

Esta monografia, intitulada “*Memórias de um corpo negro: uma análise sobre questões de identidades negras e racismo estrutural em O Avesso da Pele, de Jeferson Tenório*”, sistematiza o trabalho desenvolvido a partir das disciplinas de TCC I e TCC II, bem como estudos realizados na área de meu interesse: literatura afro-brasileira e relações étnico-raciais.

Entre os diversos percalços que permeiam a sociedade, destaca-se o impacto dos atos racistas – herdados da colonização – na construção da identidade negra. Parte-se do princípio de que essas ações configuram um sistema opressor e excludente que, ao longo da história, transformou o preconceito em uma ferramenta de marginalização das pessoas negras, dificultando o reconhecimento de sua própria cultura, história e subjetividade.

Em adição, o contexto da escravidão e as ideologias racistas dificultaram o processo de construção da identidade negra, recorrendo a filosofias que pudessem justificar a prática, como ideologias que colocavam o negro em uma posição de inferioridade, ou criando mitos como o da *democracia racial* e o da *ideologia do embranquecimento*, como se a população negra pudesse aparecer no cotidiano da forma “mais branca” possível (Hofbauer, 2007). Esses fatores contribuíram para o não-reconhecimento das pessoas negras em relação às suas identidades, já que foram forçadas pela elite branca a alienarem as suas.

Na literatura brasileira, na qual, durante os primeiros séculos de consolidação foram marcados por profundas desigualdades sociais e por tentativas de aculturação, os escritores e os personagens negros não tinham representatividade, posto que na maior parte dos períodos, a sua presença foi reduzida a uma ótica preconceituosa. Para mudar esse cenário, surge a literatura afro-brasileira, trazendo o personagem negro na sua plenitude, com suas relações cotidianas, amorosas e, também, como um meio de fazer denúncias sociais.

Esta pesquisa, assim, insere-se no campo dos estudos sociológicos e da literatura brasileira, mais especificamente sobre literatura afro-brasileira, visto que essas vertentes oferecem visões indispensáveis para as discussões sobre as múltiplas formas de manifestação do racismo e sobre a construção da identidade negra na sociedade brasileira, como será mostrado na análise desenvolvida no livro *O Avesso da Pele* de Jeferson Tenório.

Baseando-se em tais circunstâncias, esta pesquisa visa responder ao seguinte questionamento: como a obra literária *O Avesso da Pele* representa a construção da identidade negra por meio das experiências dos personagens em meio ao racismo estrutural presente na sociedade e como a análise do romance pode contribuir para a reflexão sobre o racismo

estrutural e a identidade negra no Brasil? Na tentativa de respondê-lo, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar, por meio de uma análise literária da obra *O Avesso da Pele*, como se manifestam a identidade negra e o racismo estrutural na trama. Para alcançar tal propósito, delinear-se dois objetivos específicos: analisar como a identidade negra do protagonista é construída e compreender de que maneira o racismo estrutural se manifesta ao longo da trajetória e das vivências dos personagens.

Como justificativa para esta monografia, verificou-se que, segundo uma pesquisa em conjunto realizada pelo Instituto de Referência Negra Peregum e pelo Projeto Sistema de Educação por uma Transformação Antirracista (SETA), 81% dos brasileiros consideram o Brasil um país racista. No entanto, apenas 11% das pessoas entrevistadas durante o estudo reconhecem práticas racistas no seu comportamento, nos espaços em que circulam e nos espaços privados, como o da família (Nganda, 2023).

Assim, diante desses dados, é perceptível que o Brasil é estruturalmente marcado pelo racismo nos seus mais diversos aspectos. Isto posto, pode-se dizer que a literatura afro-brasileira é um importante meio para a promoção de diálogos e, com efeito, para o enfrentamento, a manifestação e a exposição das desigualdades raciais e da discriminação direcionadas, sobretudo, aos negros.

Dessa forma, a literatura pode ser vista como um fator social e humanizador, tornando-nos capazes de “ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (Candido, 1988, p. 177). Assim sendo, ela auxilia os indivíduos a compreenderem melhor as particularidades do outro, no caso desta pesquisa, conduziram a reflexões sobre questões relacionadas às pessoas negras.

Este trabalho faz-se necessário, por conseguinte, tanto para o âmbito dos estudos sociológicos quanto para a crítica literária, considerando-se a urgente demanda de se discutir a identidade negra e o racismo estrutural nas distintas esferas sociais do país. A escolha do livro *O Avesso da Pele* justifica-se, portanto, por ser uma obra que ultrapassa o produto literário e dialoga com debates políticos e educacionais contemporâneos.

Nessa perspectiva, o estudo é desenvolvido pela necessidade de ampliar as discussões acadêmicas que circunscrevem romances como este, que motivam o despertar de uma consciência crítica ao retratar as experiências – muitas vezes traumáticas – vivenciadas por pessoas negras, fortalecendo, simultaneamente, o estudo da literatura afro-brasileira sob um ponto de vista humanizado.

Considerando tais aspectos, este trabalho apresenta, no percurso da seção 2, os embasamentos teóricos que englobam desde uma sumária contextualização da literatura

brasileira e o surgimento da literatura afro-brasileira, até discussões sobre raça, racismo e identidade negra, fundamentais para o desenvolvimento da análise literária do romance *O Avesso da Pele* (2020).

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de fins explicativos, de natureza básica e bibliográfica. Ademais, o procedimento de análise literária foi guiado pela perspectiva da hermenêutica literária, levando em consideração as discussões apresentadas no referencial teórico, sem a necessidade de retomar de forma repetitiva conceitos e autores já abordados.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo tem como objetivo apresentar as bases teóricas e conceituais que embasam esta pesquisa, explorando estudos relevantes para a compreensão do campo dos estudos sociológicos que abarcam as relações étnico-raciais, bem como da literatura brasileira e afro-brasileira, estando organizado em seções e subseções.

Inicialmente, faz-se uma concisa contextualização dos períodos da Literatura Brasileira, do Romantismo ao Modernismo, destacando como era a presença do negro na literatura desses períodos. Para tal discussão, utilizou-se os estudos de Candido (1999), Cuti (2010)<sup>1</sup>, Moura (1988), Proença Filho (2004), Duarte (2013), Nascimento (1978), Silva (2021), Mérian (2008), Ferreira (2022) e Pereira (1995).

Na subseção 2.1.2 intitulada “*A Literatura Afro-Brasileira*”, discute-se sobre o surgimento dessa expressão literária, as temáticas que nela se evidenciam, o destaque para os escritores e personagens negros na literatura com protagonismo, valendo-se das contribuições de Souza e Lima (2006), Duarte (2010), Pereira (1995), Bernd (1998), Evaristo (2009) e Bernd (2010). Na subseção seguinte, realiza-se uma sumária apresentação do escritor Jeferson Tenório e do romance *O Avesso da Pele* (2020).

A seção 2.2 “*Racismo no Brasil*” aborda o surgimento do termo raça e das teorias ligadas a ele, as tipologias do racismo no Brasil, com destaque para uma discussão sobre o racismo estrutural e como ele afeta a vida das pessoas negras, apoiando-se em Almeida (2019), Telles (2003), Munanga (2004), Silva *et al.* (2016), Brym *et al.* (2008) e Sousa e Brussio (2023). Após isso, trazemos para a fundamentação alguns reflexos do racismo estrutural, como a discriminação, o preconceito e o estereótipo, baseando-se em autores como Oliveira *et al.* (2024), Munanga (1978), Silva (2023) e Barros e Barreto (2018).

Já na seção 2.3 “*Entre o Mito e a Realidade: A Construção da Identidade Negra no Brasil*”, realiza-se um debate sobre o mito da democracia racial e da ideologia do branqueamento como um mecanismo para a perpetuação do racismo na sociedade e para dificultar o processo de construção de uma identidade negra, fazendo uso das pesquisas de Santos *et al.* (2025), Silva *et al.* (2016), Moura (1988), Hofbauer (2007), Damascena; Miranda (2018), Ferreira; Camargo (2011), Nascimento (1978) e Costa (1982).

---

<sup>1</sup> Ressalta-se que, embora este trabalho adote o conceito de “Literatura Afro-Brasileira”, Cuti defende o termo “Literatura Negro-brasileira”. A referência do autor mantém-se aqui pelo seu aporte fundamental à contextualização da presença negra na literatura nacional.

Na última subseção “*A identidade Negra*”, faz-se uma reflexão sobre como se constrói uma identidade negra plena, mesmo com tantos percalços, mostrando que não é impossível, mas que requer um olhar crítico sobre si e sobre o outro, da sua história, cultura etc., com os estudos de Dubar (1997), Adesky (1997), Ciampa (1987), Nascimento (1978), Santos *et al.* (2025), Gomes (2002), Santos (1983) e Pinto; Ferreira (2014).

## **2.1 Da Formação da Literatura Brasileira ao Surgimento da Literatura Afro-Brasileira**

Nesta seção, apresentaremos uma concisa contextualização da literatura brasileira, evidenciando a presença – ou a falta – do negro na literatura, a fim de que entendamos como a literatura afro-brasileira surge neste cenário.

### **2.1.1 A Era Nacional do Romantismo ao Modernismo: A presença do Negro na Literatura**

Primeiramente, é importante dizer que a nossa literatura surgiu em detrimento das literaturas ocidentais, especialmente a portuguesa, o que impactou diretamente a produção literária no Brasil, pois os escritores dos séculos XVI e XVII baseavam-se nos padrões estabelecidos pelos colonizadores. Desse modo, a literatura brasileira surgiu dentro de um contexto político de aculturação, desencadeado pelo processo de colonização Portuguesa, inviabilizando a coexistência de idiomas e de crenças, desqualificando as formas que eram distintas da do colonizador, que utilizava dela para impor ordens políticas e sociais (Candido, 1999).

Os períodos anteriores ao Romantismo no Brasil, como o Barroco e o Arcadismo, embora trouxessem elementos descritivos da terra e dos povos indígenas não valorizavam a cultura nacional, tampouco traziam representatividade para o negro; ao contrário, prendiam-se aos padrões culturais portugueses.

Foi somente no século XIX que a presença do negro foi – aos poucos – ganhando “espaço” na literatura, mas ainda com um olhar estereotipado, não reconhecendo sua real complexidade como sujeito, pois são poucos os textos literários que expõem as mazelas enfrentadas pela população negra no Brasil, uma vez que o negro está presente muito mais como *tema* do que como *voz autoral* (Duarte, 2013, n.p). Nesse contexto, o século XIX marca o período da consolidação da nacionalidade brasileira, com a Independência do Brasil, a Abolição da escravatura e a República, desenvolvendo-se a consciência de que a Literatura Brasileira deveria ser diferente da portuguesa (Candido, 1999) (Cutí, 2010).

No Romantismo predominou uma noção mais localista, o esforço de ser diferente, manifestação da peculiaridade do país e do *Eu*, visando à criação de uma expressão nova. Ademais, além das temáticas que o caracterizam, como a idealização do amor, *o bom selvagem*, a saga da escravização, a vida social e urbana, o movimento investiu na *cor local*, buscando no ambiente brasileiro traços que caracterizassem uma identidade nacional. Nesse contexto, contudo, os descendentes dos escravizados eram utilizados apenas como pano de fundo das obras, sendo representados por uma ótica preconceituosa e de comiseração (Candido, 1999) (Cuti, 2010). Como pontua Moura (1988):

O mundo ficcional, o imaginário desses romancistas ainda estava impregnado de valores brancos, o seu modelo de beleza ainda era o greco-romano e os seus heróis e heroínas tinham de ser pautados por esses modelos. E a nossa realidade ficava desprezada como temática: os heróis tinham de ser brancos como os europeus e a massa do povo apenas pano de fundo dessas obras. Em toda essa produção nenhum personagem negro entrou como herói. O problema do negro na literatura brasileira deve comportar uma revisão sociológica que ainda não foi feita. Quando surge a literatura nacional romântica, na sua primeira fase, surge exatamente para negar a existência do negro, quer social, quer esteticamente (Moura, 1988, p. 26).

Moura (1988), nesse recorte, ressalta que, em nenhuma produção literária da primeira geração romântica, o personagem negro assumia o papel de herói, visto que os romancistas eram influenciados pelos valores estéticos e culturais dos europeus. Descartava-se, com efeito, o negro como ser humano e heroico para retratá-lo como *exótico-bestial*. Em resumo, a primeira fase desta geração estava atrelada ao aparelho ideológico do sistema escravista (Moura, 1988), como é o caso de algumas obras de José de Alencar, consoante a ilustração textual a seguir:

Enquanto personagem, o negro ocupa um lugar menor na literatura brasileira. Na prosa, é um lugar muitas vezes inexpressivo, quase sempre de coadjuvante ou, mais acentuadamente no caso dos homens, de vilão. E isto desde os começos da produção letrada no país. Entre coadjuvante e vilão se situam dois tipos românticos produzidos pelo patriarca José de Alencar: a mãe, da peça de mesmo nome, e o anti-herói de outra peça, à qual batizou com o título nada sutil de *O demônio familiar*. Entre a mãe vítima da escravidão e o moleque enredeiro e algoz do bom humor de seus senhores, está o negro sob o jugo estreito do estereótipo: virtude vitimizada de um lado, falsidade e vilania, de outro. Em que medida um escritor como Alencar repercute os valores de seu público ou incute sua própria visão de mundo no leitor e/ou espectador de seus escritos é preocupação que não deve faltar a uma crítica empenhada em compreender as relações da literatura com o contexto de sua produção (Duarte, 2013, p. 147).

O estudioso acima mencionado revela-nos que a literatura brasileira do século XIX não apenas representava, mas também construía uma imagem do negro que só era

conveniente para a elite branca. Isso demonstra que a invisibilidade ou a representação deturpada do negro na literatura canônica não foi um acidente estético, mas um sintoma de uma sociedade que só conseguia conceber o outro sob a ótica da utilidade ou da ameaça. Assim, o “lugar menor” ocupado pelo negro na prosa não era apenas literário, mas também um reflexo de uma sociedade racista, que lhe dispunha somente esses espaços.

Quanto às figurações femininas, estas aparecem com mais frequência, com certo “protagonismo”, contudo, é um protagonismo marcado pela permanência em ante cenas textuais, inclinada sob a mesma perspectiva de desumanização, manifestando-se:

em construções que ressaltam, por exemplo, a sensualidade e a disponibilidade para o sexo sem compromissos ou consequências, novamente de acordo com imagens sociais determinadas a priori, como a da “mulata assanhada” entre outras. Enquanto forma de aprisionamento social e cultural, o estereótipo petrifica as identidades em figurações de face única, ralas e carregadas de univocidade. Com isto, estabelece uma linha de continuidade entre construções propriamente literárias e um imaginário social eivado de preconceitos (Duarte, 2013, p. 147).

Ao corpo da mulher negra, conforme é revelado de forma quase subliminar no exemplo acima, restava o estereótipo de sensualidade disponível, enquanto às mulheres brancas reservava-se o papel de exemplo moral e de “boas para casar”. Essas mesmas ideias estereotipadas, que objetificam essas mulheres, seguem em vigor até hoje, refletindo a máxima bem resumida por Gilberto Freyre: “brancas pra casar-se, mulatas pra fornicar, e negras pra trabalhar” (Silva, 2021, p. 10). Nesse contexto, figuras como a “mulata” eram frequentemente retratadas como desprovidas de exigências matrimoniais, servindo de contraponto exótico e passageiro à seriedade da família branca. Igualmente, na segunda fase do Romantismo, não há representações significativas do negro.

Na terceira geração do Romantismo, esse cenário modifica-se em virtude de Castro Alves, que insere o negro em uma posição diferente, expondo na sua obra o papel social do negro escravizado, na sua totalidade existencial; a partir dele, o negro é humanizado e deixa de ser um mero objeto; esse momento é de grande relevância para a literatura brasileira, pois o personagem negro surge, ainda que timidamente, como um homem que pensa, reivindica, ama e vai à luta. O poeta Luís Gama, geralmente associado a essa fase romântica, também contribui significativamente para a presença do negro na literatura, sendo o primeiro a falar em forma de versos do amor por uma negra e pela sua contribuição à luta pela abolição da escravatura em prol da justiça social (Moura, 1988) (Proença Filho, 2004) (Mérián, 2008):

Luís Gama torna-se a referência emblemática, o precursor da negritude, pela denúncia que fizera do racismo, pelo elogio da beleza da mulher negra e pela valorização dos atributos estéticos do negro. Mas também, pela sua contribuição à luta pela abolição da escravidão em prol da justiça social e pelo reconhecimento da dignidade do negro na sociedade brasileira [...] (Mérián, 2008, p. 57).

Esses autores deixaram grandes contribuições e ajudaram a construir uma nova imagem valorizada do negro, reagindo ao sistema literário da época, que seguia um viés contrário. Contudo, a condição racial de Luís Gama foi menosprezada na época, mas isso não o impediu de se destacar, sobressaindo-se em todos os meios de que fez parte, e, “pela primeira vez na literatura brasileira, ouve-se uma voz negra” (Ferreira, 2022).

No que diz respeito a Castro Alves, este era totalmente contra a escravidão, pois, segundo ele, era um absurdo viver em um mundo com tanta crueldade, e seu ideal, portanto, era a luta pela liberdade e, assim, mais tarde ficou conhecido como “Poeta dos Escravos”. O poeta escreveu livros, poemas e diversos versos de sua escrita eram dedicados aos negros de sua época, demonstrando “indignação e repúdio às atrocidades a que os escravizados eram submetidos” (Ferreira, 2022, p. 23). Tal discordância sobre a escravidão é percebida, por exemplo, no poema “A Visão dos Mortos”, exposto abaixo:

Aonde a terra que talhamos livre,  
Aonde o povo que fizemos forte?  
Nossas mortalhas o presente inunda  
No sangue escravo, que nodoa o chão.  
Oh! É preciso inda esperar cem anos...  
Cem anos... brada a legião da morte.  
E longe, aos ecos nas quebradas trêmulas,  
Sacode o grito soluçando – o norte.  
Sobre os corcéis dos nevoeiros brancos  
Pelo infinito a galopar lá vão...  
Erguem-se as névoas como pó do espaço  
Da lua pálida ao fatal clarão  
(Silva, 2006, p. 92, *apud* Ferreira, 2022, p. 24).

O poema de Castro Alves reflete sua angústia perante a realidade brasileira da época, principalmente em relação à escravidão e sua falta de esperança na nação, que vê o ideal de liberdade sendo sufocado pela violência do sistema escravagista.

No plano dos romances realistas do Brasil – mesmo período em que o Naturalismo e o Parnasianismo também ocorreram – o qual se caracteriza pela veracidade da denúncia social, época marcada pela configuração e amadurecimento do sistema literário no Brasil, diz-se que Machado de Assis é o sinal desse amadurecimento, sendo considerado um de nossos melhores escritores, tendo obras de poesia, teatro, crônica e romance (Candido, 1999) (Souza; Lima, 2006). Sobre esse escritor, Pereira (1995) aponta que:

Em sua poesia ocorrem referências esparsas ao negro, com o autor demonstrando preocupação em atenuar os aspectos ligados à cor negra. Alguns críticos lêem essa postura de Machado como recusa de sua própria origem étnica. Outros críticos, no entanto, observam que Machado não se mostrou indiferente ao destino dos negros escravos. O padrão estético de seu tempo não considerava o negro como tema literário e o autor se incluiu nesse contexto. Mas, ainda assim, está para ser melhor compreendida a relação de Machado de Assis, com a questão da identidade étnico-cultural brasileira (Pereira, 1995, p. 3).

Acredita-se que a “atenuação” dos aspectos ligados à cor negra de Machado não seria uma negação da origem, mas uma estratégia de legitimação intelectual em um ambiente hostil e racista. Duarte (2013) argumenta que a escrita de Machado de Assis está voltada para a crítica ao domínio branco, empregando ironia e uma série de estratégias de dissimulação, por isso, a visão afro-identificada não aparece de forma explícita, o que se explica pela necessidade de dialogar com o público leitor majoritariamente branco de sua época. O próprio autor via-se obrigado a se proteger, velando sua identidade étnica.

O Naturalismo, que surgiu ao final do século XIX, marcado pelo determinismo, zoomorfização e cientificismo, inicia-se com a obra *O Mulato* (1881), do escritor Aluísio de Azevedo, a qual traz discussões sobre às questões raciais, abordando o preconceito de cor no Brasil (Candido, 1999) (Mérián, 2008). Entretanto, embora tenha exposto muitas mazelas e contradições verificadas no tecido social brasileiro, o Naturalismo realizou uma espécie de desserviço à aceitação da diversidade étnico-racial, pois, de maneira bastante redutora e simplista, em muitas de suas obras, a exemplo de *O cortiço*, como mostra o trecho abaixo, reforçou estereótipos altamente prejudiciais de inferiorização, como a de que habitantes dos trópicos (*latinos*) são preguiçosos, os negros são lascivos, *animalizados* etc:

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo: essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo: pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem (Azevedo, 1900, *apud* Proença Filho, 2004, p. 165).

Percebe-se que o trecho exemplifica bem o desserviço prestado por certas vertentes do Naturalismo ao consolidar estereótipos raciais quando descreve personagens como a Bertoleza como “crioula suja” e compará-la a uma “cavalgada”, denunciando não apenas a exploração, mas também aprisionando a personagem em uma visão determinista e animalizada.

Posteriormente ao Naturalismo brasileiro, os principais movimentos foram o Simbolismo e o Modernismo. Desse modo, no Simbolismo, caracterizado pela subjetividade e pelas emoções nas imagens poéticas, pode-se perceber contribuições sobre a presença do negro na literatura, com Cruz e Sousa, que abordou uma nova interpretação da cor negra e assumiu a luta contra a opressão racial (Nascimento, 1978) (Proença Filho, 2004). Nascimento (1978), portanto, confirma essa constatação:

Tentou Cruz e Sousa "uma nova e inédita interpretação visual da cor negra", e ainda, conforme Roger Bastide, se teve sucesso, foi por ter "pensado à noite como africano". Apesar da profunda aculturação que o marcava, há na poesia de Cruz e Sousa a presença difusa mas identificável da África ora no ritmo e na musicalidade dos versos, no espiritualismo que antes de corresponder a uma exigência do Simbolismo, escola poética à qual se filiava, deixa transparecer uma herança étnico-cultural de impossível erradicação (Nascimento, 1978, p. 125).

Ferreira (2022) reforça que esse vínculo com a ancestralidade africana também se manifesta em poemas de forte teor abolicionista, como “Dor Negra”, no qual Cruz e Sousa expõe, de maneira intensa e dolorosa, a violência imposta aos escravizados, utilizando imagens e expressões verídicas de dor contundentes para denunciar a crueldade da escravidão, como vê-se no trecho:

Que as estrelas e as pedras, horrivelmente mudas, impassíveis, já sem dúvida que por milênios se sensibilizaram diante da tua Dor inconcebível, Dor que de tanto ser Dor perdeu já a visão, o entendimento de o ser, tomou decerto outra ignota sensação da Dor, como um cego ingênito que de tanto e tanto abismo ter de cego sente e vê na Dor uma outra compreensão da Dor e olha e palpa, tateia um outro mundo de outra mais original, mais nova Dor. (Sousa, 1898, p. 122-123 apud Ferreira, 2022, p. 51).

Assim, ao descrever essa dor como algo que “tateia um outro mundo”, Cruz e Sousa revela o trauma profundo deixado por séculos de barbárie, conferindo uma dignidade trágica e humana ao sujeito negro que o Naturalismo frequentemente animalizava.

No que concerne ao Modernismo – o qual passou por três fases: pré-modernismo, modernismo e pós-modernismo –, este não foi apenas um movimento literário, foi um movimento social e cultural, o qual promoveu a reavaliação da cultura brasileira, visto que coincidiu com outros fatos no âmbito político e artístico (Candido, 1999). No período pré-modernista, tem-se como exemplo Lima Barreto (1881-1922), cujas obras eram vinculadas à realidade social urbana e suburbana. Em seus livros, personagens afro-brasileiros também aparecem, ressignificando sua humanidade em sua individualidade. O trabalho de Lima

Barreto representa um marco inicial, e a partir de então, a presença negra na literatura ganha crescente representatividade e voz (Proença Filho, 2004) (Moura, 1988).

Na fase Modernista propriamente dita, a presença do negro é percebida em *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade. Todavia, a obra traz fundamentos racistas, como a ideologia do branqueamento – a qual será explicada na subseção 5.3.1 deste trabalho – em que o sujeito nasce negro, mas “torna-se branco”, a cor escura é não apenas lavada, mas também vinculada a um defeito físico. A partir disso, o romance modernista dá lugar a um termo chamado *negrismo*, apropriação eurocêntrica da temática do negro que, embora “tenha boas intenções”, ainda pode refletir uma perspectiva de fora, de uma forma descompromissada, não necessariamente alinhando-se com a experiência e o lugar de fala da comunidade negra, a ponto de nela caber o veredito debochado (Duarte, 2013).

Duarte (2013) destaca que o *negrismo* prospera e dá margem ao surgimento do protagonismo afro-brasileiro na década seguinte, com *Jubiabá* (1935), de Jorge Amado, trazendo nos personagens a figura de herói positivo da literatura socialista da época, apropriando-se da cultura afro-brasileira marxista, uma vez que Jorge Amado vê no capitalismo uma forma de escravidão, construindo seu personagem “evoluindo” do antagonismo étnico e racial para a luta de classes (Duarte, 2013, p. 147).

Proença Filho (2004) pontua que, a partir de 1960, a presença de pessoas negras destaca-se por meio de escritores negros ou descendentes. Entre 1970 e 1980, os autores começaram a se preocupar em marcar em suas obras a afirmação cultural e a condição negra na realidade brasileira (Proença Filho, 2004, p. 176). Esses fatores deram abertura para o que chamamos hoje de *literatura afro-brasileira*.

### 2.1.2 A Literatura Afro-Brasileira

No século XX, mais precisamente no ano de 1978, com o surgimento do Movimento Negro e com a publicação de *Cadernos Negros*, a literatura afro-brasileira começou a se expandir, e foi aos poucos começando a romper as barreiras do cânone literário nacional, no qual as pessoas negras apareciam muito pouco e, quando apareciam, eram, na maioria das vezes, caracterizadas pelos modos inferiorizantes nos quais a sociedade os colocava (Souza; Lima, 2006). Duarte (2010), corroborando com esse pensamento, afirma que:

Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa a ocupar espaço na cena cultural, ao mesmo tempo em que as demandas do

movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional. Desde então, cresce da mesma forma, mas não na mesma intensidade, a reflexão acadêmica voltada para esses escritos, que, ao longo do século XX, foram objeto quase que exclusivo de pesquisadores estrangeiros como Bastide, Sayers, Rabassa e Brookshaw, entre outros (Duarte, 2010, p. 113).

Entende-se, então, a partir das crescentes análises, que a *literatura afro-brasileira* do último quartel do século XX não segue a mesma linha dos textos literários nacionais de outrora, que, via de regra, representam o negro como um viés que não se alinhava à realidade destes; pelo contrário, vê-se que na literatura afro-brasileira o escritor traz o sujeito negro na sua totalidade, com sua realidade social, credos e vivências, distanciando-se do ato de apenas trazê-los como pano de fundo das obras.

A publicação de *Cadernos Negros* em muito contribuiu para a configuração e a consolidação do que seria o conceito de uma “literatura negra”, tendo em vista que, desde 1978, as edições vêm sendo marcadas, sobretudo, pelo protesto contra o racismo, seja na prosa ou na poesia, nas linhas militantes vinculadas ao movimento negro, além da perspectiva do tema do negro sobressair, evidenciando coletividade e individualidade, memória cultural e inserção social (Duarte, 2010).

Apesar de ter sido na época supracitada que a literatura afro-brasileira se expandiu como campo específico dentro da produção nacional, é importante mencionar que já existiam escritores negros engajados ao longo da história. Estes autores entrecortaram o discurso hegemônico, como é o caso de Maria Firmina dos Reis, que, em 1859, publicou o romance *Úrsula* – a primeira obra abolicionista brasileira –, considerado revolucionário por conferir o aparecimento de vozes negras escravizadas que denunciavam injustiças e subvertiam estereótipos. Somam-se a ela nomes como Luiz Gama, Machado de Assis e Lima Barreto, considerados precursores fundamentais para o surgimento dessa expressão literária (Souza, 2021).

A esse respeito, Pereira (1995) defende que existe um debate em torno da expressão “literatura afro-brasileira”, à medida que muitos estudiosos e seus respectivos leitores são atraídos por esse viés literário, pois, diante desse interesse por esse subcampo da literatura, muitos critérios foram criados e empregados para defini-la, dentre eles, o autor cita: “o critério étnico (que vincula a obra à origem negra ou mestiça do autor) e o critério temático (que identifica o conteúdo de procedência afro-brasileira como caracterizador da Literatura Afro brasileira)” (Pereira, 1995, p. 1).

Na tentativa de definir ainda essa literatura, Zilá Bernd (1998) afirma:

Literatura negra brasileira, também conhecida por Literatura afro-brasileira, e que pode ser definida como sendo aquela onde emerge uma consciência negra, ou seja, onde um "eu" enunciador assume uma identidade negra, buscando recuperar as raízes da cultura afro-brasileira e preocupando-se em protestar contra o racismo e o preconceito de que é vítima até hoje a comunidade negra brasileira, apesar de passados mais de cem anos da Abolição da escravatura (Bernd, 1998, p. 91).

Pode-se dizer, então, que uma literatura negra ou afro-brasileira seria aquela que defende e coloca em pauta os assuntos relacionados aos negros brasileiros, não apenas como um tema, mas para realizar denúncias contra o racismo e o preconceito e, também, para colocar o negro como protagonista na literatura, destacando outros fatores de suas vivências, pois, como explanado brevemente na seção anterior, a figura do personagem negro foi inserida à margem dos textos literários e “essa marginalização se perpetuou ao longo da história da nossa literatura na qual, até pouco tempo, quando o negro não esteve presente, foi silenciado e estereotipado” (Souza, 2021, p. 10).

Para além disso, Evaristo (2009) enfatiza que há um sentimento positivo de etnicidade que atravessa a textualidade afro-brasileira e, isso ocorre porque os personagens são descritos sem a intenção de esconder a identidade negra, valorizando-se a pele, os traços físicos e as heranças culturais e ancestrais. A autora destaca que “esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral” (Evaristo, 2009, p. 20).

Reforçando esse pensamento, Souza (2021), ao citar Ianni (1998), afirma que essa literatura está profundamente alicerçada pelo movimento negro. Isso significa que as temáticas que envolvem o negro brasileiro vêm para desmistificar, desvendar e resgatar sua imagem, ao mesmo tempo que buscam emancipar o negro da figura fantasiosa e do “véu ideológico que o recobre, mescla, submerge, esconde, ignora” (Ianni, 1998, p. 98 *apud* Souza, 2021, p. 15).

Bernd (2010) afirma que a literatura negra ou afro-brasileira, pode ser distinguida, apresentando algumas especificidades, entre as quais:

- a) a temática dominante é o negro na sociedade, o resgate de sua memória, tradições, religiões, cultura e a denúncia contra o drama da marginalidade do negro na sociedade brasileira devido, sobretudo, à persistência de diferentes formas de preconceito;
- b) o ponto de vista é o do negro que emerge no poema como o eu enunciador, assumindo as rédeas de sua enunciação;
- c) a linguagem possui vocabulário próprio associado à oralidade da cultura negra;
- d) o imaginário corresponde ao conjunto de representações que as comunidades negras constroem sobre si mesmas e mediante as quais se opera a paulatina construção identitária (Bernd, 2010, p. 32).

Com base em tais características, observa-se que há uma predominância de temas que tratam das experiências plurais do negro na sociedade brasileira, pois vão além de meros assuntos relacionados, refletindo a necessidade de reconstruir uma identidade que foi historicamente negligenciada e também silenciada pela literatura nacional. A autora, valendo-se das contribuições de Duarte (2008), nos apresenta outras definições da literatura afro-brasileira, como:

- a) pela temática: preferencialmente temas relativos ao negro;
- b) pela autoria: “literatura é discursividade e a cor da pele será importante enquanto tradução textual de uma história coletiva e/ou individual” (DUARTE, 2008, p. 15);
- c) pelo ponto de vista: relato dos fatos a partir de uma ótica negra;
- d) pela linguagem: vocabulário, ritmo, sonoridades das línguas africanas;
- e) pelo público: literatura destinada preferencialmente a um público negro que busca se conscientizar (Bernd, 2010, p. 33).

Nas temáticas das obras da literatura afro-brasileira, é abordado não só o sujeito, mas seu plano social, cultural e humano; contendo denúncias sobre a escravidão e as suas consequências; tradições culturais e religiosas como processos de identificação do personagem negro; dramas vividos na modernidade brasileira; racismo, entre outros. “Deste modo, a adoção da temática afro não deve ser considerada isoladamente e, sim, em sua interação com outros fatores como autoria e o ponto de vista” (Duarte, 2010).

A literatura negra, portanto, ao consolidar sua importância na produção literária e na sociedade brasileira, deixa de priorizar uma retórica rebuscada ou meramente taxativa sobre as violências e os ataques aos direitos humanos de que os negros ainda são vítimas. Conforme aponta Bernd (1998, p. 102), é “justamente nas entrelinhas e na capacidade de utilizar a linguagem que a literatura gera efeitos de verdade capazes de modificar o leitor e sua relação com o “Diverso”.

### 2.1.3 Concisa apresentação do autor e da obra *O Avesso da Pele*

O professor e pesquisador Jeferson Tenório nasceu em 1977 na cidade do Rio de Janeiro-RJ e atualmente, encontra-se em Porto Alegre-RS, onde construiu sua carreira, além de ser doutor em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Seu romance de estreia foi *O Beijo na Parede*, em 2013, seguido de *Estela Sem Deus*, publicado em 2018, *O Avesso da Pele* (2020) e a sua mais atual obra literária: *De Onde Eles Vêm* (2024).

Jeferson Tenório é um homem negro, escritor considerado uma referência na literatura afro-brasileira contemporânea. Por viver em uma sociedade que tem em suas raízes o racismo estrutural, o autor traz para dentro de suas obras todos esses acontecimentos que permeiam a discriminação racial e a pobreza no Brasil. Em entrevista, Tenório argumenta que um dos motivos pelos quais iniciou na escrita foi por ter vivenciado muitas experiências policiais violentas e que escrever, nesse contexto circunscrito a violências, sobretudo, raciais, poderia ser uma forma de enfrentar o racismo presente no Sul e no Brasil como um todo, visto que ele aborda temas como racismo, identidade e memória (Nolla, 2025, *on-line*).

O romance *O Avesso da Pele – corpus* desta pesquisa –, acompanha a história de Pedro, um jovem de 16 anos que busca compreender a trágica morte de seu pai, Henrique, vítima de uma abordagem policial racista e injusta, revisitando suas memórias e os caminhos trilhados por ele. Na obra, o autor constrói uma narrativa que expõe o racismo enraizado na sociedade brasileira, abordando desde a violência explícita até as microagressões cotidianas direcionadas aos personagens negros, além de tratar sobre as complexas relações familiares, identidade e relações raciais (Tenório, 2020).

*O Avesso da Pele* (2020) foi o vencedor do Prêmio Jabuti de Melhor Romance em 2021. A obra narra a história de Henrique, um professor de literatura, a partir da ótica de seu filho Pedro. Durante a narração, outros membros da família são apresentados para que o leitor compreenda a complexidade das relações estabelecidas. Ademais, a narrativa alterna entre o presente e o passado, aprofundando a trajetória dessas figuras (Lima, 2023).

O livro é dividido em quatro partes: “*A pele, O avesso, De volta a São Petersburgo e A barca*. Cada seção, entretanto, possui suas subdivisões, que são distribuídas ao longo de suas 189 páginas” (Silva, 2022). Portanto, não buscamos analisar o livro na sua totalidade, mas sim identificar em recortes do enredo, questões relacionadas à identidade negra, como os desafios para a sua construção e para a sua autoidentificação como tal, e o racismo estrutural que os personagens sofrem no percurso de suas vivências.

## 2.2 Racismo no Brasil

Antes de iniciarmos as discussões propriamente ditas nesta seção, é relevante que façamos, rapidamente, uma sumária contextualização sobre o surgimento e o conceito de *raça*, posto que, como afirma Almeida (2019), esse termo “sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos” (*Idem*, 2019, p. 18).

Em meados do século XVI, as circunstâncias históricas – como a expansão mercantilista e colonial – forneceram a base para a ideia moderna de raça, a qual se fortaleceu com o Iluminismo, servindo para justificar a colonização e a escravidão a partir da classificação hierárquica dos grupos humanos (Almeida, 2019). Em outras palavras, “a raça é uma construção social, com pouca ou nenhuma base biológica [...] a raça existe apenas em razão das ideologias racistas” (Telles, 2003, p. 38). Dessarte, o termo *raça* não é fixo, tampouco estático, pois seu sentido está intrinsecamente relacionado ao contexto em que é utilizado (Almeida, 2019). Desse modo, constata-se que por sua conformação histórica, a raça constitui-se a partir dos seguintes registros:

1. *como característica biológica*, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele, por exemplo; 2. *como característica étnico-cultural*, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, “a uma certa forma de existir” (Almeida, 2019, p. 21-22).

De acordo com Munanga (2004), no século XVIII, a cor da pele foi considerada como critério fundamental para as chamadas *raças*; por isso, a espécie humana ficou dividida em três tipos – os quais existem até hoje no imaginário da sociedade: raça branca, negra e amarela. Já no século XIX, acrescentou-se o critério de cor baseado nos critérios morfológicos, como a forma dos lábios, nariz etc. Dessa forma, nota-se que, com essas ideologias, achavam-se no direito de realizar hierarquizações e de estabelecer uma escala de *valores* entre as raças. Assim,

os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, [...] que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação (Munanga, 2004, n.p).

Nessa perspectiva, na tentativa de justificar os comportamentos racistas, os europeus construíram a crença de que esses povos eram inferiores porque possuíam características físicas e culturais distintas, consolidando, dessa maneira, uma forma de agir sobre o outro, a qual se conhece hoje como racismo, envolvendo todo ato preconceituoso, discriminatório e segregacionista contra os sujeitos, baseando-se na sua origem étnica ou racial (Silva *et. al.*, 2016).

As ideologias ligadas a raças hierarquizadas levaram à raciologia – teoria pseudocientífica do século XX – que, embora seja uma teoria de caráter científico, serviu para justificar a dominação racial, espalhando-se pela sociedade para legitimar atrocidades, ou seja, trata-se de uma construção ideológica para mascarar as relações de poder e de dominação (Munanga, 2004).

A partir dessa breve contextualização, partiremos para os conceitos de racismo e descreveremos algumas de suas tipologias. Iniciamos, por conseguinte, com a seguinte aceção: “racismo é uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre os grupos humanos” (Programa Nacional de Direitos Humanos, 1998, p. 12). Almeida (2019) define racismo como:

Uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (Almeida, 2019, p. 22).

Com base nesses conceitos, é possível dizer que o racismo não é um fenômeno recente ou local, pois está presente nas raízes da sociedade há séculos atingindo a população negra. Levando-se em consideração que as tipologias do racismo no Brasil são abrangentes, abordaremos o racismo institucional, individual e, principalmente, o estrutural.

Conforme Brym *et al.* (2008, p. 227), “racismo institucional é o viés inerente a instituições sociais e que raramente é percebido pelos membros do grupo majoritário”. Esta definição é percebida, segundo eles, por exemplo, “quando a polícia seleciona pessoas negras em batidas policiais ou quando as lojas instruem seus empregados a prestar mais atenção nos consumidores negros” (Brym *et al.*, 2008, p. 227). Almeida (2019), por sua vez, pontua que o domínio do racismo institucional se dá:

com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade (Almeida, 2019, p. 27).

Nesse sentido, percebe-se que o racismo institucional é menos evidente, visto que é mascarado por meio das instâncias sociais e, muitas vezes, não é identificável em termos de sujeitos específicos que cometem esses atos, diferenciando-se do racismo individual:

O racismo, segundo esta concepção, é concebido como uma espécie de “patologia” ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou

coletivo, atribuído a grupos isolados; ou, ainda, seria o racismo uma “irracionalidade” a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis indenizações, por exemplo – ou penais. Por isso, a concepção individualista pode não admitir a existência de “racismo”, mas somente de “preconceito”, a fim de ressaltar a natureza psicológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política (Almeida, 2019, p. 25).

Sob esta concepção, a sociedade não seria racista, mas teria indivíduos racistas que agem isoladamente ou em grupos, pois o racismo individual “provém de atitudes e pensamentos oriundos do próprio ser humano, e podem ser confundidos com os estereótipos” (Sousa; Brussio, 2023).

No que se refere ao racismo estrutural, entende-se que é uma consequência da própria estrutura social, arraigado nas bases da organização econômica, social e cultural da sociedade. Trata-se, também, de um processo histórico e político, visto que o racismo esteve presente desde a escravização, sustentando essas organizações e influenciando a distribuição de poder de maneiras desiguais. Assim, este transcende comportamentos individuais e processos institucionais, reforçando-se por meio de normas, práticas e crenças, sendo, portanto, estrutural (Almeida, 2019).

A respeito disso, pode-se dizer que o racismo estrutural se manifesta de maneiras distintas, permeando práticas de discriminação, de preconceito, de segregação e estereótipo. Essas manifestações podem ocorrer de formas diferentes e, por vezes, veladas ou negacionistas, na intenção de alcançar a inimizabilidade de atos racistas (Sousa; Brussio, 2023).

Relacionando com a obra *O Avesso da Pele*, observa-se representações desses tipos de racismo, os quais são efeitos diretos do racismo estrutural, uma vez que o romance denuncia, em segmentos do enredo, como ele atua em diferentes faces do cotidiano, afetando a vida das pessoas negras e confirmando, assim, a sua naturalização na sociedade.

### 2.2.1 Alguns reflexos diretos do racismo estrutural

O racismo estrutural, por estar na base das instâncias sociais, atua de diferentes maneiras na sociedade, seja por meio de discriminação, preconceito de cor e/ou por estereótipos prejudiciais atribuídos às pessoas negras etc. Para compreendê-lo, partiremos, então, de alguns conceitos direcionados a esses atos.

A discriminação racial é o tratamento diferenciado a membros de um grupo racialmente identificado, e é classificada em: direta e indireta. A discriminação

direta é um repúdio violento motivado pela razão racial a um coletivo ou ao individual, por exemplo, lojas que se opõem a atender pessoas de determinada raça. A indireta é quando ocorre a discriminação racial de fato a grupos minoritários, mas ela é ignorada, é marcada pela ausência da intenção de discriminar pessoas (Oliveira *et al.*, 2024, p. 165).

A base da definição da discriminação racial é, nesse contexto, um “tratamento diferenciado”, isso significa que oferece certa vantagem a grupos hegemônicos em detrimento a um grupo racialmente identificado, como negros e indígenas, ocorrendo tanto direta como indiretamente.

No que tange à ação direta, pode-se dizer que quem pratica tem sim a intenção de ofender, segregar ou negar direitos baseando-se em critérios da *raça* da vítima. Enquanto a indireta age de forma sutil e velada, sendo mais difícil combatê-la. Ela ocorre na prática cotidiana, por exemplo, por meio de regras, normas que parecem neutras e aplicáveis para todos, mas na realidade, excluem os grupos minoritários.

Munanga (1978), sobre o preconceito de cor:

Em seu livro “Preconceito e Racismo”, James M. Jones define o preconceito como uma atitude negativa adotada por um grupo ou por uma pessoa, em relação a um outro grupo ou outra pessoa, baseada num processo de comparação social, segundo o qual o grupo de indivíduos julgador é considerado como ponto positivo de referência 1. Esta atitude negativa que o homem manifesta com respeito a outro pode estar situada em diversos domínios: raça, religião, profissão, sexo, idade, região, filiação política, educação, status sócio-econômico etc. Atitudes negativas baseadas na cor da pele ou em diferenças biológicas, reais ou imaginárias, constituem o “preconceito de cor” ou “raça” (Munanga, 1978, p. 145).

Para o antropólogo, o preconceito de cor também afeta a mente de quem é discriminado, causando um ciclo de alienação. Por conta dessa prática, o negro acaba aceitando para si a imagem negativa que o branco criou sobre ele e, para escapar dessa inferiorização, busca se “parecer” com o branco para ser aceito. O autor ainda argumenta que, no Brasil, o que interessa é o fenótipo; isto é, quanto mais clara a pele e mais finos os traços, menos preconceito o indivíduo sofre. Além disso, há o *paternalismo*: o branco brasileiro tende a ser “caridoso”, tratando o negro com uma falsa “ternura”. Essa “bondade” confunde a vítima, dificultando que perceba o racismo e crie uma consciência política de confronto.

Com todo o histórico escravista deixado, muitos sujeitos *racializados* encontram-se perdendo sua individualidade e humanidade, que outrora fora relegada à branquitude, detentora de privilégios econômicos e sociais, advindos desde a exploração, cabendo assim, com base em pensamentos estereotipados, ao corpo negro, uma posição de subalternidade, de objeto usufruível ou descartável (Silva, 2023).

Os estereótipos raciais são:

crenças ou generalizações simplificadas que são atribuídas a um grupo racial específico. Essas crenças podem ser positivas ou negativas e são baseadas em características físicas, culturais ou comportamentais que são associadas a determinados grupos raciais. Os estereótipos raciais podem ser prejudiciais, perpetuando preconceitos e discriminação, e podem afetar a forma como as pessoas são tratadas e percebidas na sociedade (Psicólogos em Brasília, 2023, *on-line*).

Ser reduzido a posições, papéis, comportamentos, sexualidade e traços físicos são alguns tipos de estereótipos destinados às pessoas negras, como se a sua posição já estivesse pré-estabelecida pela sua cor de pele. O psicólogo e filósofo Frantz Fanon, na obra *“Pele negra máscaras brancas”* (2008) diz que “o homem negro não é um homem” (*Idem*, 2008, p. 26), e esse pensamento traduz muitas falas reducionistas, ao passo que se tenta eliminar todos os outros fatores que constroem a sua identidade e gênero; o sujeito é, antes de tudo, “negro”.

Em muitos casos, vemos, também, que o corpo do homem e da mulher negra é objetificado, hipersexualizado, pensamentos que são frutos do imaginário social recheados de estereótipos, e que não deixa de ser um reflexo muito claro de racismo estrutural, que fora construído não só pelos longos períodos escravocratas, mas também nas mídias atuais contemporâneas, especialmente a pornográfica:

Segundo Barreto (2017), nos filmes pornográficos, esse reconhecimento, inevitavelmente passa pela exposição e hipersexualização do corpo negro (mulher/homem) como uma marca do preconceito racial no imaginário social, a exemplo de filmes pornôns onde o homem negro é valorizado a partir do tamanho de seu órgão sexual, bem como a mulher negra “fogosa” e “boa de cama” em propagandas televisivas e programas televisivos (Barros; Barreto, 2018, p. 303).

Esses tipos de imagens criadas reforçam muitos estereótipos negativos, pois atuam como mecanismos de perpetuação do racismo estrutural, reduzindo o homem negro ao seu órgão sexual e a mulher ao estereótipo de “fogosa” e sexualmente insaciável. Nesse sentido, o indivíduo é destituído de afetividade e intelecto, restando-lhe apenas o papel de objeto de consumo e fetiche no imaginário social. Essa construção estereotipada, longe de ser um elogio à virilidade ou à sensualidade, serve apenas para confinar a população negra a um lugar de “outro”.

Outra questão a ser discutida é a do perfil “marginal” e os enquadramentos policiais tomados por essa falsa ideia de que existe um perfil para cometer certos atos, isso ocorre por conta do racismo que está enraizado na sociedade e que acaba ceifando a vida de muitos jovens negros:

O uso do perfil “marginal”, e as medidas governistas para o enquadramento dos homens negros dentro dessa “categoria”, se mantém de forma pujante, com programas populistas expondo jovens negros “suspeitos” de crimes como o grande problema da criminalidade no país, à revelia da presunção de inocência; que, como já foi mostrado acima, é um privilégio construído historicamente para pessoas brancas, desenvolvido por pessoas brancas. O resultado dessa estrutura, é o Brasil na atualidade, ser o país que tem a polícia mais letal do mundo, com índice recorde de mortes de crianças e adolescentes negros pelo braço armado do estado (Silva, 2023, p. 14).

O problema apontado por Silva não é uma fantasia, já que, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública publicado em 2022, aponta que 83% dos mortos pela polícia são pessoas negras, sendo este o “principal grupo vitimado pela violência independente da ocorrência registrada” (Malcher, 2023, *on-line*). Dessa maneira, muitas pessoas negras acabam perdendo suas vidas injustamente, por um pensamento que sequer as olha como seres humanos, mas as julga apenas pela ideia de *raça*.

Outrossim, é importante, ainda, destacar as microagressões raciais. Tratam-se de insultos verbais e comportamentais, intencionais ou não, que expressam desprezo ou hostilidade contra grupos minoritários racializados. Diferente do racismo explícito – amplamente abominado socialmente –, as microagressões são frequentemente tratadas como uma “violência menor” ou de “baixo impacto”, manifestando-se por meio de agressões breves no cotidiano global e são direcionadas, sobretudo, a pessoas negras, sendo raramente percebidas (Santos, 2024). Portanto, ao não notar tais implicações, o indivíduo pode introjetar falsas percepções de si mesmo ou não perceber, nas entrelinhas, que está sendo desrespeitado e ridicularizado.

Além desses reflexos do racismo estrutural, subsistem ideologias que perpetuam a marginalização da pessoa negra, conforme apresentado a seguir.

### **2.3 Entre o Mito e a Realidade: A Construção da Identidade Negra no Brasil**

Na seção anterior, falamos sobre como as ideologias de raça formaram pensamentos racistas, colocando o negro em uma posição de inferioridade, enquanto o branco era visto como superior. Nesse sentido, faz-se necessário, antes de adentrarmos nas discussões sobre identidade negra, abordarmos brevemente as ideologias que mostram os desafios para que o negro se *autoidentifique*. Para tanto, descrevemos as seguintes: 5.3.1 *O Mito da Democracia Racial e a Ideologia do Branqueamento* e 5.3.2 *A Identidade Negra*.

### 2.3.1 O Mito da Democracia Racial e a Ideologia do Branqueamento

No Brasil, as práticas racistas foram resultado do sistema escravocrata e da exploração de suas riquezas. Assim, no período pós-abolição, seguindo pensamentos racistas, acreditava-se que o Brasil deveria ser repensado e reorganizado, a fim de colocá-lo no quadro do capitalismo internacional, pois os grupos elitizados argumentavam que um país desenvolvido não poderia ser definido por uma população negra, mestiça ou com conflitos raciais que o desestabilizassem; nesse sentido, surgem duas ideologias, as quais serviriam para “solucionar” o problema: o *mito da democracia racial* e a *ideologia do branqueamento* (Santos *et al.*, 2025).

Nesse sentido, a crença na superioridade dos brancos europeus foi endossada pela elite intelectual que almejava um país modelado na Europa. Por essa razão, a abolição da escravidão (1888) não foi suficiente para dismantlar o racismo estrutural, relegando a população negra a posições subalternas na sociedade e nas práticas culturais. Em consonância, e além da exclusão socioeconômica, os grupos dominantes implementaram instrumentos legais para estimular a imigração europeia e a miscigenação, com o objetivo de promover o “branqueamento” da sociedade. Para a elite, o negro e o mestiço representavam um *atraso social* rumo ao progresso e à modernidade, sendo um empecilho para a construção da “identidade nacional” (Silva *et al.*, 2016).

Na sociedade capitalista, criou-se um discurso de uma *democracia racial*, o qual mantinha os valores discriminatórios do dominador em detrimento dos grupos interétnicos, apoiando-se de uma filosofia que acreditava ser possível atingir uma unidade orgânica da sociedade brasileira e uma nação *civilizada*, sobretudo, ocidental, cristã e branca. Nessa visão “democrática racial”, buscava-se manter a submissão das classes oprimidas (Moura, 1988).

Com isto, o aparelho de dominação procuraria manter os estratos e classes oprimidas no seu devido espaço social e, para isto, havia necessidade de se neutralizar todos os grupos de resistência ideológicos, sociais, culturais, políticos e religiosos dos dominados. Como a grande maioria dos explorados no Brasil é constituída de afro-brasileiros, criou-se, de um lado, a mitologia da "democracia racial" e, de outro, continuou-se o trabalho de desarticulação das suas religiões, transformando-as em simples manifestações de laboratório (Moura, 1988, p. 55)

Por meio do que fora argumentado por Moura (1988), pode-se dizer que as classes dominantes, para manter os afro-brasileiros em seu *devido espaço social* – em outras palavras, para que continuassem marginalizados –, utilizaram dessa “propaganda” de democracia racial para negar o racismo presente na sociedade e, concomitantemente, trabalharam para

desvalorizar e controlar suas religiões, por exemplo, que eram – e ainda são – fontes de resistência e identidade.

Nessa perspectiva, a chamada democracia racial, que tinha como pressuposto o convívio “harmonioso entre as *raças*” foi desconstruída pelo estudioso Florestan Fernandes que afirma que a democracia racial é, na verdade, um mito, uma imagem utópica que serve apenas para garantir que o negro permaneça em uma posição subalterna na sociedade brasileira (Silva *et al.*, 2016).

Hofbauer (2007) pontua, no que diz respeito à tese do branqueamento, que ela sustentava a possibilidade de transformar a *raça inferior* numa *raça superior*, com o objetivo de dividir aqueles que poderiam se organizar em torno de uma reivindicação comum. Isso fez com que as pessoas procurassem se apresentar no cotidiano como o mais “branco” possível (Hofbauer, 2007).

Damascena e Miranda (2018) discutem que a ideologia do branqueamento racial é considerada uma arma política e psicológica utilizada em favor da classe dominante, o que torna custoso o fortalecimento das emergências e sobrevivências culturais dos africanos e de seus descendentes, alvos em grande parte vulneráveis à alienação de seus valores culturais e ideológicos. Conhecer sua história, suas raízes é o que pode contribuir para o fortalecimento de suas estéticas ancestrais (Damascena; Miranda, 2018, p. 149-150).

Explicitam-se, então, os percalços para a construção do identitário negro, uma vez que “a elite brasileira se autoidentifica como branca e assume as características do branco-europeu como representativas de uma superioridade étnica” (Ferreira; Camargo, 2011, p. 375). Desse modo, a elite internalizou seus valores e padrões em diversas camadas da sociedade, negligenciando o processo de autoidentificação do negro. Como afirma Moura (1988):

a identidade étnica do brasileiro é substituída por mitos reificadores, usados pelos próprios não-brancos e negros especialmente, que procuram esquecer e/ou substituir a concreta realidade por uma dolorosa e enganadora magia cromática na qual o dominado se refugia para aproximar-se simbolicamente, o mais possível, dos símbolos criados pelo dominador (Moura, 1988, p. 64).

Percebe-se que o sociólogo Clóvis Moura (1988) traz à tona uma complexa reflexão sobre como a identidade do negro brasileiro não é reconhecida em sua plenitude – considerando fatores históricos e sociais – de modo a influenciar até mesmo os próprios sujeitos participantes desse grupo étnico, refugiando-se em uma espécie de “magia cromática”, na qual as diferenças raciais são negadas em nome do mito supracitado, ou à valorização de tons de pele mais claros como meios de ascensão.

Diante disso, constata-se que construir uma identidade negra, é também um processo doloroso, em que o indivíduo, precisa, antes de tudo, de uma consciência crítica sobre a realidade. Abdias Nascimento, em seu livro *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado* (1978), discute acerca disso:

O crescimento da consciência negra é desencorajado pela recusa da sociedade em conceder ao cidadão negro a oportunidade de realizar sua íntegra identidade – inclusive seu eu negro – negando o significado que o desenvolvimento do negro (político, social e cultural), tem para ele em particular e para o Brasil, em geral (Nascimento, 1978, p. 80).

Esse discurso evidencia as marcas deixadas pelo mito da democracia racial e pelo ideário branco, uma vez que a tomada de consciência foi desencorajada por um sistema excludente, tornando o processo de reconhecimento, valorização da sua cor e da sua história, lento e dificultoso.

Dessa maneira, o racismo esconde sua verdadeira face:

Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer. Não é difícil imaginar o ciclo entrópico, a direção mortífera imprimida a este ideal. O negro, no desejo de embranquecer, deseja, nada mais, nada menos, que a própria extinção. Seu projeto é o de, no futuro, deixar de existir; sua aspiração é a de não ser ou não ter sido (Costa, 1982, p. 5).

O sujeito negro, nesse contexto, quando ainda não possui a consciência de sua realidade, aliena toda a sua trajetória em prol de uma identificação que lhe é profundamente desfavorável. Isso ocorre porque ao mesmo tempo em que elimina e renega a sua própria essência, ele passa a acreditar na possibilidade de se aproximar de uma imagem “utópica”: “o ideal branco”. Nesta ótica, a branquitude é falsamente estabelecida como sinônimo de beleza, inteligência, pureza, cultura, em outras palavras, “*humanidade*”.

O “desejo de embranquecer”, portanto, não é uma escolha individual, mas sim uma imposição estrutural feita à pessoa negra, negando-lhe a oportunidade de desenvolver e construir a sua identidade plena, visando estabelecer uma falsa harmonia que nega suas vivências, sua cultura e o legado de três séculos de escravidão. Assim, ele perpetua na sociedade como um mecanismo de marginalização que atribui a esses indivíduos apenas posições de subserviência e subalternidade.

### 2.3.2 A Identidade Negra

A identidade é algo inerente ao ser humano; ela engloba um conjunto de características que o moldam, como aspectos pessoais e socioculturais. A perda dela, segundo Dubar (1997), é sinônimo de alienação, pois trata-se daquilo que o ser humano tem como mais precioso. Dubar (1997) afirma que a identidade não é dada ao nascer; ela constrói-se e reconstrói-se ao longo da vida e, assim, depende tanto dos julgamentos dos outros como das suas próprias orientações e autodefinições, ou seja, o sujeito nunca a constrói sozinho.

Corroborando esse pensamento, Adesky (1997) adota uma abordagem sociológica, argumentando que “a identidade implica um processo constante de identificação do eu ao redor do outro e do outro em relação ao eu” (Adesky, 1997, p. 33). Desse modo, a identidade não deve ser isolada, mas sim um processo contínuo de interações e de relações com outras pessoas. Ciampa (1987) define identidade como metamorfose, isto é, algo em constante mudança, sendo o resultado provisório das próprias visões de mundo do sujeito, seu contexto social e seus projetos. Levando-se em consideração essas visões, é possível dizer que o processo identitário é construído a partir das bases sociológicas; e não em escolhas individuais.

Os conceitos adotados por Dubar (1997), Adesky (1997) e Ciampa (1987), embora sejam bem consolidados, não contemplam a abrangência da identidade negra, que se diferencia pela forma como se aplica na sociedade, já que por muito tempo, os africanos e seus descendentes foram sujeitados e forçados a alienarem sua identidade em virtude da elite branca, transformando-se, culturalmente e fisicamente, em *brancos* (Nascimento, 1978, p. 123). Reforçando esse pensamento, Santos *et al.* (2025) comenta:

No que se refere à população negra brasileira, sua identidade foi, ao longo de nossa história, negada e/ou descaracterizada, impondo barreira à constituição de uma identidade auto-afirmativa que possibilitasse a mobilização e organização desse segmento para reivindicar por direitos relacionados à discriminação racial (Santos *et al.*, 2025, p. 9890).

Gomes (2002) compreende a identidade negra como algo que está além de uma construção social, cultural e histórica, pois implica também na construção do olhar sobre o grupo étnico ou na forma como se veem a partir da relação com o outro. Desse jeito, a identidade negra articula-se com o individual e o social, passado e presente. O processo de tornar-se negro se materializa na concretização de sujeitos raciais, a partir da identidade, corporeidade e memória. Gomes (2002) ainda confirma que:

Esses sujeitos, ao se relacionarem com o mundo, o fazem a partir de uma diferença que não é só cultural e histórica, mas está inscrita num corpo, na cor da pele, nos sinais diacríticos que, mesmo sendo transformados por meio de uma intensa miscigenação, continuam carregados de africanidade. Africanidade e brasilidade inscritas num corpo, muitas vezes, de maneira tensa e ambígua. No corpo negro e mestiço do brasileiro e da brasileira, a africanidade, como conformadora da identidade negra, incorpora e, ao mesmo tempo, extrapola os sinais diacríticos. Ela está nos gestos, na expressão estética, na arte, na linguagem, na música, na maneira de ser e ver o mundo. É a complexa relação do corpo visto e vivido na cultura, e da cultura negra vista e vivida num corpo (Gomes, 2002, p. 42-43).

A identidade do sujeito negro e mestiço brasileiro, como pontua Gomes, é construída a partir de uma diferença que é simultaneamente corporal e cultural. Essa africanidade não se restringe à aparência, mas se manifesta de forma integral nos gestos, na arte e na maneira de ver o mundo, estabelecendo uma relação tensa e ambígua com a brasilidade. Em última instância, a identidade negra é uma experiência na qual o corpo é o palco onde a cultura negra é vivida e, ao mesmo tempo, interpretada e julgada pela cultura dominante.

Contudo, como vimos, muitas são as tentativas de anular a construção de uma identidade negra, negando sua importância histórica, social e cultural, sob uma perspectiva que não agrega valor dela para o próprio sujeito e nem para a sociedade. Assim, ainda que existam tais tentativas, a autoidentificação não é impossível, mas sim requer um processo de longa reflexão.

A psicanalista brasileira, Neusa Santos, discute em seu livro, *“Tornar-se negro”* (1983), que a identidade negra no Brasil foi construída por meio de questões marcadas pela violência do racismo e pela própria negação do sujeito negro em relação à cor de sua pele, pois, em uma sociedade estruturada pela elite branca, pessoas negras frequentemente crescem sob um olhar depreciativo sob o outro, que internaliza sentimentos de inferioridade buscando estratégias de “embranquecimento” para sobreviver ou “ascender” socialmente.

A autora argumenta que ao reconhecer que essa experiência não é individual, mas sim fruto de um sistema racista, inicia-se um movimento de ruptura, no qual o sujeito passa a compreender sua condição, ressignificar sua história e assumir-se como negro de forma crítica.

Tabela 1 – Processo de construção de identidade negra, baseado nas ideias de Neusa Santos (1983):

	<b>Descrição</b>
1. Olhar do Outro / Alienação	Interiorização do padrão branco como ideal; desvalorização de si; dor psicológica; tentativa de “embranquecimento”; sentimento de inadequação.
2. Consciência da Diferença	Percepção do racismo estrutural; entendimento de que o preconceito é social e não individual; início do despertar crítico; quebra das ilusões de pertencimento ao grupo dominante.

3. Ruptura Interna	Conflito emocional profundo; raiva e tristeza pela identidade negada; desestabilização das estratégias de sobrevivência baseadas na negação da negritude; emergência de consciência racial.
4. Afirmção da Negritude	Reconstrução da autoestima; reapropriação do corpo, da estética e dos símbolos negros; fortalecimento do orgulho racial; compreensão da negritude como posicionamento político.
5. Construção Coletiva da Identidade	Valorização da ancestralidade; aproximação de comunidades e grupos negros; criação de vínculos; prática da resistência coletiva; consolidação da identidade negra.

Fonte: Da autora, 2026.

Nota-se que construir uma identidade negra não é uma tarefa fácil, já que a sociedade criou e internalizou no indivíduo negro o que seria o “ideal”, o modelo a ser seguido, desconsiderando toda a bagagem que este carrega. Para o negro, então, perceber que o racismo existe e está enraizado na sociedade é o primeiro passo para a luta, para despertar no seu interior que é preciso se discutir sobre o assunto, de conhecê-lo e de se reconhecer na história como parte constitutiva de seu trajeto, a partir desse saber.

Romper as ideologias racistas que tratam o sujeito negro como um problema a ser sanado, como o da democracia racial, também são reflexos da complexidade de se construir uma identidade negra, pois, ao passo que este indivíduo tenta reconstruir a sua autoestima, a sua relação com o corpo e outros aspectos que o moldam, os sentimentos de inadequação e, com efeito, de desvalorização de si, são, por vezes, mais intensos.

Pinto e Ferreira (2014), também discutem acerca disso:

No que tange à questão do processo de construção da identidade negra, percebe-se que ainda é uma discussão problemática para as próprias pessoas que se identificam como tal. Muitas vezes, o caminho que se percorre na busca dessa identificação é marcado por inúmeras contradições e opressões sofridas internamente pelo indivíduo, que acaba por se impor uma regra básica –a negação de si próprio, de sua cor e, por conseguinte das suas características fenotípicas. Ou seja, o negro nasce e sobrevive imerso numa ideologia de que o branco é o ideal a ser atingido e endossa a luta para realizar esse modelo (Pinto; Ferreira, 2014, p. 262).

Em outras palavras, os autores apontam que ao introjetar o padrão eurocêntrico como ideal, o sujeito negro é impelido a um processo de autonegação que torna a busca pela própria identidade um caminho marcado por conflitos e sofrimento.

Retornando-se às ideias de Santos (1983), ser negro é, portanto, tomar consciência de seu processo ideológico que perpassa por essas “filosofias” sobre si, estruturando um desconhecimento que aprisiona este ser em uma imagem que não lhe pertence e tampouco se

reconhece. Por isso, ser negro, segundo a autora, não é uma condição dada, trata-se de um *vir a ser*. Ser negro é tornar-se negro:

Tornar-se negro, portanto, ou consumir-se em esforços por cumprir o veredito impossível – desejo do Outro – de vir a ser branco, são as alternativas genéricas que se colocam ao negro brasileiro que responde positivamente ao apelo da ascensão social.

A possibilidade de construir uma identidade negra – tarefa eminentemente política – exige como condição imprescindível, a contestação do modelo advindo das figuras primeiras – pais ou substitutos – que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com este modelo, o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio.

A outra possibilidade alternativa, possibilidade impossível, em última instância, frágil utopia que reduz o negro a modelar-se segundo o figurino do branco, é aquela que, ao lhe acenar com um ideal inalcançável, engendra no negro uma ferida narcísica por não cumprir este ideal (Santos, 1983, p. 77-78).

Assim, passar por esse processo de “tornar-se negro” é uma tarefa eminentemente política, não só porque envolve a dor de perceber que ter vindo ao mundo com uma cor pode tornar a vida mais “complicada”, mas também porque, ao assumir esse lugar, percebe-se que existem maneiras de viver o lado positivo da negritude<sup>2</sup>, pois nele “há um senso de comunidade, pertencimento e ancestralidade que te ampara e faz entender porque antes você se achava tão inadequado nesse mundo de brancos” (Silva, 2024, *on-line*).

É tomando como base essas concepções que se pretendeu realizar a análise crítica do romance *O Avesso da Pele* (2020), desvelando de que maneira os personagens, mediante a sua realidade vivenciada, finalmente se percebem como negros na sociedade; como a cor da pele influencia as vivências; como o *peso* da cor da pele muda a percepção de como somos vistos e de quem somos, posto que, como discutido anteriormente, a identidade negra vai além de uma diferença cultural e histórica, ela está na maneira de se ver no mundo.

---

<sup>2</sup> Conforme Domingues (2009, p. 194), “no terreno político, negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana”.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Aspectos metodológicos de natureza geral

O presente trabalho foi desenvolvido durante as disciplinas de TCC I e TCC II, resultando em uma análise literária que está contida na seção 4 desta pesquisa. Por isso, a pesquisa se caracteriza como de natureza básica, de abordagem qualitativa, com fins explicativos e de natureza bibliográfica.

Expliquemos, primeiramente, o porquê de esta pesquisa possuir uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido espaço no âmbito dos estudos sociais e suas intrínsecas relações, por ter diversas possibilidades de estudá-los. Seu surgimento, remonta aos séculos XIX e XX, quando as ciências sociais começaram a se estabelecer como disciplinas acadêmicas. Tanto a origem quanto a evolução desse método estão relacionadas à necessidade de compreender os contextos, sejam eles socioculturais, históricos e subjetivos das interações humanas e sociais (Godoy, 1995) (Silva *et al.*, 2025).

André (1995) argumenta que

A abordagem qualitativa de pesquisa tem suas raízes no final do século XIX quando os cientistas sociais começaram a indagar se o método de investigação das ciências físicas e naturais, que por sua vez se fundamentava numa perspectiva positivista de conhecimento, deveria continuar servindo como modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais (André, 1995, local. 14).

Para a pesquisadora, tal abordagem surge como resposta às limitações do modelo positivista, pois enquanto esse modelo baseava-se em buscar explicações objetivas, aplicando método de mensuração e quantificação, os estudiosos sociais passaram a questionar se os procedimentos eram, de fato, suficientes para entender as complexidades humanas. Assim sendo, a pesquisa qualitativa consolidou-se, ao priorizar a interpretação, os sentidos atribuídos pelos sujeitos, os contextos, etc., ficando conhecida, pelos pesquisadores das questões humanas, como idealista subjetivista.

Além disso, a ideia proposta pela abordagem qualitativa, segundo a autora, “valoriza a indução e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador” (André, 1995, local. 14). Assim, o objeto de estudo estará também, sem sombra de dúvida, sob as percepções do próprio pesquisador, visto que todo ato de interpretar está atravessado pela condição do intérprete, pois este não pode se desvincular

inteiramente de sua formação pessoal, de seu tempo histórico e de sua cultura de origem (Kayser, 1963), carregando, portanto, suas subjetividades.

Desse modo, a presente pesquisa adotou a abordagem qualitativa porque buscou analisar, no livro *O Avesso da Pele*, como as questões relacionadas à identidade negra e ao racismo estrutural estão sendo representadas por intermédio da narrativização correspondente às vivências dos personagens na constituição do enredo. Como fora explanado anteriormente, a pesquisa qualitativa possui caráter subjetivo; assim, a minha posição de intérprete da obra estará em evidência, não como verdade absoluta, mas como interpretação própria da obra, levando-se em consideração o que está para além das dimensões do texto, analisando os contextos, o que está nas entrelinhas, entre outros elementos textuais que revelem aspectos tanto da identidade negra quanto do racismo estrutural.

Este trabalho também se caracteriza como explicativo, uma vez que procura “identificar fatores que determinaram ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, sendo o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas” (Gil, 2008, p. 28 *apud* Paiva, 2019, p. 14). Dessa forma, a análise literária realizada levou à reflexão sobre o racismo estrutural na sociedade brasileira e sobre os percalços subjugados à construção de identidades negras, além de buscar identificar os fatores que contribuem para a ocorrência desses fenômenos sociais.

Salientamos, ainda, que se trata de uma pesquisa básica, já que “tem o objetivo de aumentar o conhecimento científico, sem necessariamente aplicá-lo à resolução de um problema” (Paiva, 2019, p. 11). Assim, pretendeu-se ampliar a compreensão das dificuldades para a construção da identidade negra no Brasil e das representações do racismo estrutural, por meio de uma análise literária da obra *O Avesso da Pele* (2020), interpretando as falas dos personagens, os significados e os contextos simbólicos presentes no livro relacionados a esses dois aspectos que são o eixo norteador deste estudo, como categorias de análise.

Ilustremos, agora, a sua natureza bibliográfica. Fonseca (2002) discute que ela é realizada “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (Fonseca, 2002, p. 32). Esse levantamento do aporte teórico fundamentado é necessário para que o pesquisador não tome como suas próprias palavras aquilo que fora dito por outras pessoas, sem atribuir os devidos créditos.

Outrossim, o tipo bibliográfico possibilita uma compreensão mais detalhada e aprofundada do objeto de estudo, neste caso o romance, de modo a promover discussões,

direcionamentos e pontos de vista distintos, gerando, assim, novos resultados e/ou enfoques na área da pesquisa. Por ser bibliográfica, esta pesquisa seguiu as seguintes etapas:

Tabela 2 – Etapas da pesquisa bibliográfica

<b>Etapas</b>	<b>Atividades</b>
1º: Familiarização com tema da pesquisa	Realização de buscas relacionadas ao título e/ou tema da pesquisa em sites como o Google Scholar, Literafro, repositórios digitais e biblioteca.
2º: Seleção dos materiais	Processo de “varredura” dos materiais, selecionando apenas aqueles que dialogavam diretamente com o estudo.
3º: Leitura e fichamentos	Após o levantamento bibliográfico, procedeu-se à leitura e ao fichamento dos respectivos textos, considerando os pontos-chave para a escrita da fundamentação teórica.
4º: Redação	Por fim, realizou-se a escrita fundamentada desta monografia.

Fonte: Da autora, 2026.

As etapas realizadas, envolvendo pesquisas em livros, teses, dissertações e artigos disponíveis em diferentes plataformas, possibilitaram o embasamento teórico deste trabalho. Desse modo, esse processo permitiu compreender não apenas a constituição da narrativa da obra *O Avesso da Pele* (2020), mas também as temáticas que nela se evidenciam, sobretudo aquelas relacionadas às questões de identidade negra e ao racismo estrutural no Brasil. Assim sendo, o levantamento bibliográfico não se restringiu à coleta de informações, mas configurou-se como instrumento de suma importância para fundamentar a análise literária e estabelecer um diálogo crítico entre a obra e os estudos sobre literatura afro-brasileira e sobre relações étnico-raciais.

### 3.1.1 *Corpus* de Análise e Procedimentos de Coleta de Dados

O *corpus* de análise foi o romance *O Avesso da Pele* (2020), de Jeferson Tenório. Para a análise, destacamos as vivências dos personagens negros, em especial o personagem Henrique, que foi vítima de uma abordagem policial racista que o levou a óbito por tiros, bem como as figuras familiares ou não a fim de compreender a complexidade das relações entre os personagens da trama, que também sofreram por conta da cor de sua pele, seja pelos estereótipos prejudiciais, pelo preconceito ou pela discriminação.

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, realizou-se uma leitura crítica e minuciosa da obra em questão, utilizando fichamentos e grifos para registrar as passagens importantes do texto que continham diálogos e/ou descrições que demonstrassem aspectos

relacionados à identidade negra e às experiências vivenciadas pelos personagens na trama, os quais tenham sofrido racismo em suas vivências ou foram atravessados por suas manifestações veladas, as quais impactaram negativamente a percepção que o personagem tinha de si perante a sociedade e dificultaram a construção de sua identidade negra.

### 3.1.2 Procedimentos de Análise de Dados

Ficou evidente, pelo o que fora escrito na introdução e nas seções anteriores a esta que a pesquisa realizada gerou uma análise literária; todavia, é importante destacar que partimos de um viés exclusivo das ciências humanas, e não genérico das pesquisas científicas. Desse modo, optou-se por conduzir os dados coletados pela perspectiva hermenêutica literária, uma vez que essa abordagem permite compreender a obra como expressão de experiências humanas e sociais.

É interessante, ainda, mencionar que esta análise foi puramente voltada à interpretação do texto literário, levando-se em consideração apenas os eixos norteadores deste estudo. Isto é, não se analisou a estrutura, a sintaxe nem a linguagem, embora essa corrente possua vertentes que se debruçam sobre esses aspectos; contudo nada impede que isso seja feito em trabalhos futuros, pois a obra é rica e está aberta a diversos tipos de interpretações.

Diante disso, a escolha pela abordagem hermenêutica nesta pesquisa justifica-se porque ela oferece os fundamentos necessários para interpretar criticamente os significados humanos e sociais que surgem da obra analisada.

Outrossim, esse caminho foi escolhido porque a hermenêutica tem um caráter mediador. Fonseca (2009), em *Introdução à Hermenêutica de Paul Ricoeur*, argumenta que não há compreensão sem uma mediação, ou seja, ninguém se compreende, por exemplo, isolado de tudo e todos, pois a própria compreensão acontece por meio de algo. Nesse sentido, a mediação poderá ser por intermédio de um texto – de qualquer gênero – que nos faz refletir sobre a vida, sobre quem somos; o outro e o mundo, porque o sujeito vai se conhecendo, também nas relações, nas diferenças e nos diálogos com sua história, cultura e linguagem. Dessarte, assim como interpretamos um texto para descobrir o seu sentido, também precisamos interpretar a vida ao redor para entender quem somos, de onde viemos, entre outros aspectos. Assim, conforme esta teoria, não apenas lemos o texto, mas nos reconhecemos e nos transformamos nele.

Diante disso, evidencia-se, também, o papel essencial da interpretação na hermenêutica, uma vez que “a interpretação será o trabalho de pensamento que decifra o

sentido latente no sentido patente, sendo nela também que se torna manifesta a pluralidade dos sentidos” (Ricoeur, 1969, p. 4). Em outras palavras, a interpretação ultrapassa a noção de ler a superfície, buscando não apenas entender o que está explícito, mas também refletir sobre informações implícitas na tentativa de desvendar o porquê, compreender o como, posicionando-se de forma crítica e argumentada, indo além de meras descrições.

Nesse mesmo sentido, Palmer (1969) amplia a compreensão da hermenêutica ao concebê-la como uma filosofia da interpretação, cujo propósito é revelar o modo como os seres humanos constroem sentido a partir de textos, experiências e manifestações culturais. Para o autor, a análise literária não deve limitar-se à observação técnica, mas tornar-se um ato de compreensão e diálogo entre o leitor e a obra. Desse modo, essa relação dialógica permite que o texto seja compreendido em sua dimensão existencial, pois

O diálogo, e não a dissecação, abre o universo da obra literária. A objectividade desinteressada não é adequável à compreensão de uma obra literária. É claro que o crítico moderno defende a paixão — e mesmo a capitulação perante «a existência autônoma da obra» —, mas, não obstante, vai trabalhando a obra, considerando-a como um objecto de análise. Contudo, as obras literárias serão consideradas mais perfeitamente não enquanto objectos de análise, mas como textos que falam, criados por seres humanos. Há que arriscar o nosso «mundo» pessoal se queremos penetrar no mundo vivo de um grande poema lírico, de um romance ou de uma obra. E para isso, não precisamos de qualquer método científico disfarçado, ou de qualquer «anatomia de uma crítica», com tipologias e classificações muito brilhantes e subtis (\*), mas sim de uma compreensão humanística daquilo que implica a interpretação de uma obra (Palmer, 1969, p. 18-19).

Sob essa ótica, a análise literária assume um caráter reflexivo e transformador, uma vez que interpretar é também reconhecer-se naquilo que se lê. Assim, o processo hermenêutico ultrapassa o simples exercício de decifrar o texto, permitindo compreender as experiências humanas que nele se manifestam. A obra literária, portanto, torna-se um espaço de encontro entre o mundo do autor e o mundo do leitor, possibilitando a reconstrução de sentidos sobre a vida, a identidade e as relações sociais.

## 4 ANÁLISE DO ROMANCE

A análise literária da obra *O Averso da Pele* (2020), que se segue, foi realizada com base nas discussões apresentadas no referencial teórico. Para tal, optamos por interpretar os quatro capítulos: *A pele*, *O Averso*, *De Volta a São Petersburgo* e *A Barca*. No entanto, é preciso destacar que, por mais que tenhamos sido cautelosas na leitura da obra, é possível que alguns pontos tenham passado despercebidos.

Em cada um dos capítulos são apresentadas as vivências do personagem principal, Henrique, narradas sob a ótica de Pedro, seu filho, além de outras figuras que compõem seu ciclo familiar, como Martha (esposa de Henrique na fase adulta), Luara (irmã de Henrique), entre outros.

A análise buscou trazer trechos da obra ao longo da escrita, com o intuito de promover uma maior aproximação com o leitor e garantir maior fidelidade às situações vivenciadas pelos personagens, explicitando as ocasiões em que estes sofrem, no cotidiano, em razão da cor da pele.

Essa estratégia de destacar trechos/recortes do romance em análise foi efetivada com vistas a que os objetivos fossem alcançados de maneira eficaz, demonstrando-se para o leitor, legitimamente, de que maneira o racismo estrutural se manifesta na obra, mediante a realidade vivenciada pelos personagens, bem como para evidenciar como a identidade racial do protagonista é construída a partir desse contexto.

### 4.1 As representações do racismo estrutural: as marcas que ficam

Uma das primeiras representações explícitas de racismo estrutural que aparecem no livro inicia no primeiro capítulo, intitulado “A Pele”, no qual Pedro começa a relatar as pequenas tragédias da vida de seu pai, Henrique, desde a sua adolescência até a fase adulta. Já nas primeiras páginas, temos a infeliz notícia de que Henrique está morto, mas não nos é revelado o *como* e nem o *porquê*. Diante disso, Pedro refaz os caminhos de seu pai até entendermos o que aconteceu com este corpo que, como ele mesmo descreve, “não vai parar de morrer” (Tenório, 2020, p. 13).

Em revelações fortes e marcantes, o rapaz relata que, aos catorze anos, Henrique foi tratado e algemado como um bandido, tal fato ocorreu enquanto estava no ponto aguardando seu ônibus, quando, de súbito, alguns garotos desceram do transporte coletivo acusando-o de

ter roubado um boné, sem quaisquer provas e, ele levado por um instinto de sobrevivência, correu para o primeiro lugar que encontrou aberto, uma igreja:

Você entrou e se escondeu atrás de um dos bancos. A igreja estava vazia. Ficou ali, quieto, esperando, escutando a própria respiração. Mas então ouviu gritos: *ele tá aqui, ele tá aqui*. E de repente, a igreja foi invadida por sabe-se lá quantos daqueles moleques sedentos por vingança. Um deles te achou e te apontou. Em instantes vieram todos para cima de você. Socos e chutes na cabeça, na barriga e no rosto, até você começar a sentir o gosto enjoativo do sangue. Você não ofereceu nenhuma resistência, apenas se colocou em posição fetal e tentou dizer: *eu não fiz nada*. Depois começou a perder os sentidos (Tenório, 2020, p. 18).

Nesse trecho, percebe-se a violência explícita advinda do racismo estrutural, pois, se pararmos para analisar, indagaremos: eles o agrediram por quê? O que essa ação violenta denunciava? Como resposta podemos suscitar que as atitudes foram meramente discriminatórias, posto que estariam achando que ele era um bandido por meio de critérios baseados na cor da pele, sem quaisquer provas.

Esse é um caso notável de racismo, tendo em vista que ele foi agredido injustamente, não por ter cometido algum crime adverso aos indivíduos envolvidos no desejo de vingança, mas pela cor de sua pele e pela imagem que a sociedade criou em relação aos corpos negros. Nessa perspectiva, constata-se que a experiência do personagem ultrapassou o plano individual, revelando uma ideologia coletiva e sistêmica.

A cena continua com alguém não identificado sacando uma arma e dizendo: “*nós vamo te passar, neguim, tu vai morrê agora, neguim*” (Tenório, 2020, p. 18). Vejamos: até mesmo a forma como o chamam possui teor pejorativo e racista, pois “*neguim*”, de acordo com Ramos (2015), dependendo do contexto, pode ser uma expressão racista, e o que notamos nesse caso é o próprio racismo escancarado. Além deste acontecimento, ele prossegue:

Você foi levado algemado para uma delegacia. Foi a primeira vez que você sentiu o ferro frio de uma algema nos pulsos. Ao seu redor, peessoas te xingavam e te chamavam de ladrão e ainda diziam que dessa você não escaparia. Somente na delegacia as coisas foram esclarecidas: você havia sido confundido com um bandido [...]. E ser confundido com bandido vai fazer parte da sua trajetória. E você vai custar a compreender por que essas coisas acontecem (Tenório, 2020, p. 18-19, grifos nossos).

Quando o personagem diz “ser confundido com bandido vai fazer parte da sua trajetória”, conduz-nos à reflexão de que a violência racial não será um evento isolado na vida de Henrique, mas uma marca que o acompanhará em toda a sua vida, até mesmo na formação

de sua identidade como sujeito negro e em como ele irá se enxergar, levando em consideração que isso ocorreu com apenas catorze anos de idade, deixando traumas, pois a criança que coexistia naquele momento não compreendia o que estava acontecendo e nem sabia por qual motivo fora confundido com um bandido.

Henrique ainda estava aprendendo o que era ser negro em uma sociedade que naturaliza o racismo como algo normal, comum, sem considerar o que você é, o que você carrega consigo etc. Construir uma identidade negra após acontecimentos como estes requer muita reflexão e autoconsciência das coisas que o rodeiam.

O racismo, sob essa ótica, não é um evento pontual, é uma marca que atravessará a visão que o sujeito possui de si e do mundo, uma vez que a identidade vai se construindo sob esse peso do que é também ser negro, das violências implícitas e explícitas, para que só mais tarde fosse reconstruído o que fora perdido no caminho.

#### 4.1.1 O racismo escancarado como experiência estruturante da identidade

As vivências do personagem não são fantasiosas, sabe-se que no Brasil e em diversos lugares do mundo essa prática ainda se faz presente, mesmo que existam legislações que aleguem que essa ação é um crime. Na vida de Henrique, o ato racista irrompe descaradamente, sem quaisquer restrições, por isso é comum que ele seja naturalizado pela elite branca contra a população negra e/ou mestiça, como se ser negro fosse sinônimo de mau caráter, acompanhado da ideia errada de que ser negro é, também, ser bandido. Na obra, essas questões são percebidas, por exemplo, quando analisamos um acontecimento na vida de Henrique que, aos dezenove anos, foi vítima de discriminação racial enquanto participava de uma entrevista de emprego de *office boy*, como se lê a seguir:

Ele se chamava Bruno Fragoso. Tinha quarenta e dois anos [...]. Ele te fez esperar por quarenta minutos, porque queria parecer ocupado e importante [...]. Depois do tempo de espera, Bruno apareceu, apertou sua mão, sentou-se na sua frente e ficou te observando. Você tinha dezenove anos mas ainda não sabia muita coisa sobre autoestima, nem sobre valorizar essas coisas necessárias para manter a sanidade [...] Você era uma presa fácil. Assim, com total domínio da situação, Bruno disse, com muita naturalidade, que não gostava de negros. Você levantou os olhos. Bruno não se intimidou e repetiu a frase: *não gosto de negros* (Tenório, 2020, p. 20, grifos nossos).

O episódio envolvendo o advogado Bruno Fragoso evidencia outra mazela do racismo na sociedade, dessa vez, por mais que não tenham evidências de agressões físicas, ele está sendo exposto por meio de outro fator: as relações de poder circunscritas à hierarquia social.

Nesse sentido, vemos Bruno, um típico homem branco e bem-sucedido, representando a imagem de uma autoridade dentro de uma estrutura social que alega, em diferentes âmbitos, a superioridade branca em detrimento da figura do sujeito negro, legitimando-se e, com efeito, inferiorizando os corpos negros.

Outro ponto a que se deve fazer menção está relacionado ao tempo em que ele deixou Henrique esperando, já que no livro está descrito que a intenção do advogado era apenas parecer importante, ou seja, mostrar ao rapaz “quem é que manda”, dado que a sua postura arrogante revela esse desejo de demonstração de poder, isto é, de superioridade hierárquica.

Além disso, ao dizer “*não gosto de negros*” com muita naturalidade, observa-se que o racismo está enraizado na sociedade, pois o personagem o reproduz em várias situações, como as ilustradas, sem medir as palavras e sem constrangimento, como se fosse algo socialmente aceitável. A partir desse ponto, nota-se a essência do racismo estrutural, que transcende a posição individual e se configura como uma lógica histórica, social, cultural e econômica, como bem apontado por Almeida (2019).

Considerando as lentes teóricas de Almeida (2019) e de Sousa e Brussio (2023), constata-se que o personagem comete um ato racista individual que, no entanto, é perpassado pelo estrutural. Tal ação transcende comportamentos isolados ou patológicos, indo além de processos institucionais; trata-se de uma representação de como o racismo molda a distribuição desigual de poder. No caso em questão, a opressão manifesta-se por meio de uma discriminação racial explícita, passível de enfrentamento na esfera jurídica.

Verifica-se, também, o impacto psicológico do racismo na vida de Henrique quando o narrador utiliza as seguintes afirmações:

[...] não sabia muita coisa sobre autoestima [...]. Você era uma presa fácil [...]. Você permaneceu imóvel [...]. Até aquele momento você nunca havia sofrido racismo, assim, tão descaradamente, não que você se lembre. Mas você não se chocou, pois uma espécie de inércia tomou conta do seu corpo, você não sabia reagir (Tenório, 2020, p. 20, grifos nossos).

Essas asserções indicam a impotência e o sofrimento silencioso de Henrique, demonstrando o impacto psicológico que essas ocorrências causaram nele, visto que, naquele momento, ele ainda não compreendia completamente o valor de sua identidade e de sua autoestima, que são corroídas por esse tipo de agressão. Além disso, ele não se lembrava de que havia, sim, sido vítima de racismo quando adolescente; a diferença está no mascaramento desse episódio, bem como na falta de consciência sobre quem ele é/era. Isso é perceptível quando Pedro narra:

Na época, você nem sabia muito bem o que significava ser negro. Não havia discutido nada sobre racismo, nada sobre negritude, nada sobre nada. Naquele momento você era apenas um corpo negro” (Tenório, 2020, p. 20-21, grifos nossos).

No trecho em questão, pode-se dizer que ele explicita a desumanização produzida pelo racismo estrutural, ocasionando um processo de apagamento da consciência racial, o que dificulta o crescimento da consciência do que é ser negro, uma vez que ela, muitas vezes, é desencorajada pela recusa da sociedade em conceder aos sujeitos a oportunidade de realizar sua íntegra identidade, negando-lhes o desenvolvimento pleno, considerando fatores políticos, sociais, culturais, passado e presente.

Corroborando esse pensamento, é importante destacar que Henrique, ainda jovem, não possuía a completa compreensão crítica de sua condição racial, haja vista que no conjunto social em que ele viveu e na sua própria trajetória, dentro desse contexto, evitam-se discutir não apenas o racismo, de modo que ocorra o silenciamento da experiência negra, bem como seja deflagrada a ausência desses debates. Estas ações refletem o resultado de um sistema que, historicamente, negou às pessoas negras a possibilidade de se reconhecerem como parte de uma coletividade e de uma história própria.

Essas situações, ao serem observadas sob a perspectiva do mito da democracia racial e da ideologia do branqueamento, conforme argumentado na subseção 2.3.1 desta pesquisa, revelam que a identidade do personagem não estava sendo construída de forma positiva ou com orgulho de si. Pelo contrário, evidenciam que a falsa ideia imposta por tais ideologias serve apenas para manter o negro em uma posição inferior no tecido social. Isso ocorre porque a elite, ao internalizar esses princípios, negligencia a construção coletiva das identidades negras e silencia a sua emergência, levando o sujeito a acreditar que o debate é desnecessário, sob o falso pretexto de que se consolide a ideia de que “não existe racismo”.

Adicionalmente, Pedro, relatando as memórias de seu pai, profere “*você era apenas um corpo*”, essa expressão utilizada por ele, também carrega um peso, pois, ao empregar o termo “corpo”, entende-se que ele deixa de ser visto como humano em sua totalidade e passa a ser reduzido sob a ótica preconceituosa da aparência, considerando-se apenas a cor da pele. Essa forma metonímica de manifestação demonstra como a sociedade acaba determinando quem “merece” respeito e quem “deve” ser marginalizado, pois, ao cometer essa redução e levar em consideração somente a materialidade do corpo, expõe o ato desumanizante do racismo estrutural, levando os indivíduos a imaginarem o negro como alguém sem sentimentos e/ou pensamentos, limitando-o como se fosse um objeto.

Outro ponto que fica evidente, como já mencionado, é a consciência de Henrique se formando, não de uma maneira positiva, sentindo orgulho de quem é, mas, a partir da dor, pois ao dizer que não sabe o que significa ser negro, podemos deduzir que há uma crescente onda de violência em uma sociedade que insiste em anular a história da população negra, disfarçando o racismo sob o mito da democracia racial e buscando manter a submissão de classes por intermédio da negação da existência do racismo.

O personagem, então, é levado a descobrir a sua negritude não por via da afirmação do *ser e viver* como uma pessoa negra, mas por meio da exclusão e sofrimento. Nessa perspectiva, o reconhecimento de si enquanto um corpo negro torna-se lento e dificultoso, pois o primeiro passo de sua construção identitária foi marcado pela tentativa conflituosa de resgatar a sua humanidade, que o racismo tenta constantemente negar, levando-o até mesmo a acreditar que não pode posicionar-se – o que é perceptível na postura de Henrique frente ao advogado racista.

Esse aspecto torna-se ainda mais evidente quando articulado às ideias de Neusa Santos (1983). A autora argumenta que um dos primeiros passos para o “tornar-se” negro é, paradoxalmente, o enfrentamento desse olhar de alienação sobre si, visto que o sujeito interioriza o padrão branco como ideal e, esse processo resulta na desvalorização de si e em um persistente sentimento de inadequação, gerando sofrimento psíquico. Santos (1983) pontua, ainda, que os primeiros referenciais do indivíduo são seus pares; todavia, não é possível aprofundar essa análise quanto ao personagem, pois a obra não menciona se os pais de Henrique, durante sua infância, dialogavam sobre a valorização de sua identidade étnica.

É importante mencionar, também, que o personagem, ao longo de toda a sua vida, sofreu diversas abordagens policiais; o episódio que ocorreu quando ele tinha apenas catorze anos – relatado na seção 4.1 – não foi um caso isolado. Diante disso, destacamos, a seguir, alguns recortes que denunciam as abordagens policiais sofridas pelo personagem em diferentes momentos de sua vida:

Tabela 3 – Algumas abordagens policiais vivenciadas pelo personagem Henrique

Abordagem policial	Idade
1. A primeira vez que você recebeu uma abordagem, você recém havia chegado do Rio de Janeiro e nem sabia que se tratava de um paredão. Você tinha treze anos e estava jogando futebol numa praça com seus amigos da escola: o Caminhão, o Juca, o Sadi, o Nego Tinho, o Michael Jackson e o Pão com KiSuco. [...]. Um dia, no meio do jogo, uma viatura da polícia parou ao lado do campo. A princípio, vocês não ligaram, porque vocês não acharam que a coisa era com vocês, no entanto um dos policiais que saíram da viatura entrou na quadra, mandando a <i>porra</i> da bola parar. Depois gritou para todo mundo sentar no chão. Vocês se olharam. Vocês já sabiam o que vinha pela frente. O policial pôs a mão na arma que estava na sua cintura e repetiu, dizendo que não ia falar de novo, <i>caralho, senta logo aí, porra</i> . Vocês sentaram. O outro policial pegou a bola e a colocou debaixo do	13 anos

braço. Perguntaram onde vocês moravam. *Na Bonja*, respondeu o Caminhão. Os policiais se olharam e continuaram o interrogatório. *E por que vocês vêm jogar bola aqui, por que não ficam na vila de vocês? Porque a gente gosta de jogar aqui*, respondeu o Pão com Ki-Suco. Os policiais se olharam novamente, dessa vez com ironia. *Vocês são cheiradores de cola? Ninguém respondeu. Alguém aqui cheira cola, loló? Você tomou coragem e disse que não, que ninguém ali era cheirador de cola. Depois eles mandaram todos ficarem de pé e levantarem a camisa [...] (pg. 143-44).*

2. Quando você fez amizade com o Edmundo, as coisas na escola melhoraram, porque o Edmundo gostava das mesmas coisas que você. De vídeo game e artes marciais [...]. O Edmundo te ensinou a contar em japonês até dez, te ensinou os nomes dos golpes em japonês e te contou sobre a vida do mestre Jigoro Kano, o criador do judô. Então o Edmundo disse que podia te ensinar uns golpes. Vocês combinaram de fazer isso na casa dele, porque na escola poderia ter uns babacas debochando de vocês. Edmundo morava no Bom Fim. Edmundo era judeu, na época você não sabia disso. Para não gastar passagem, você foi a pé da sua casa até a casa dele. Você passou mais de uma hora caminhando sob o sol, pela avenida Protásio Alves. Ele morava num prédio de dez andares chamado Village Garden. Ao chegar, você apertou a campainha e esperou. Pessoas passavam por você na rua e te olhavam. Ninguém respondeu no interfone. Você apertou novamente. Nada. Decidiu ficar ali na frente do prédio e pensou que ele poderia ter saído com a mãe dele. No entanto, em minutos surgiu o policial da Brigada Militar ao seu lado dizendo para você circular que ali não era lugar para pedir coisas. Você disse que não estava ali pedindo nada, que estava indo na casa de um colega seu de escola. *Que escola?*, perguntou o policial. Você respondeu, mas ele não acreditou. Mandou de novo você circular. Você fez o que ele disse (pg. 144-45)

3. Na oitava série você teve uma namoradinha, a Katiane, mas ela não sabia disso [...]. A mãe da Katiane era empregada doméstica. Trabalhava no bairro Boa Vista, onde as casas eram todas enormes e tinham muros muito altos. Um dia vocês foram até lá. A Katiane entrou, mas você ficou sentado no meio-fio esperando, pois ela disse que não ia demorar e também que a mãe não gostava de ajuntamento na casa dos patrões dela. Era meio da tarde de sexta-feira. Então, no início da rua, você viu uma viatura com as sirenes tocando, e àquela altura da sua vida, aos catorze anos, você já havia aprendido que aquela visão era um problema, não que você tivesse consciência de que a polícia te abordava porque você era negro, mas sua experiência já te dizia para se manter longe das viaturas. Então, quando eles pararam na sua frente, baixaram o vidro do carro, puseram os braços para fora, você pôde ver que dentro da caminhonete havia mais policiais. Um deles, de óculos escuros, sem sair do carro, perguntou o que você estava fazendo ali. Você já conhecia aquela pergunta. Então você, ainda sentado, respondeu que estava esperando uma amiga que morava naquela casa. Eles riram do que você disse. *Amiga? De onde, neguinho?*, um deles perguntou. *Da minha escola*, você disse. Eles desligaram o carro. Resolveram que precisavam te dar uma geral. Você ficou paralisado ao ver aquele bando de policiais armados saindo do carro por sua causa. Mas, antes que eles te mandassem levantar, o portão da casa se abriu e dali saíram a Katiane e a mãe dela. Os policiais deram boa tarde. A dona Teresinha (mãe da Katiane) perguntou o que estava acontecendo. Então você se levantou e foi para junto delas. O policial que até então estava de óculos, tirou-os e disse que estavam fazendo uma patrulha e que receberam uma notificação feita por um vizinho de que havia um suspeito sentado na calçada, *mas vimos agora que era um engano, sabe como é, a gente tem sempre que averiguar as situações*. Eles não te pediram desculpas, mas era para vocês entenderem que aquilo era um pedido de desculpas [...] (pg. 145-46-47).

4. Você e seu amigo Juarez precisaram voltar a pé para casa após uma noite na danceteria, [...] Na volta para casa, vocês foram acompanhados por vários outros jovens que também estavam voltando a pé para casa ou apenas se dirigindo para o centro de Porto Alegre. No meio do viaduto, na avenida João Pessoa, havia uma barreira policial. Vocês já sabiam o que iria acontecer. Os policiais estavam com armamento pesado. Estavam parando carros, ônibus e pessoas. As meninas foram liberadas, os meninos tinham de botar as mãos na cabeça. Vocês tiveram os bolsos de vocês revistados. Suas identidades foram conferidas. Os policiais cheiraram as mãos de vocês e perguntaram onde estava a maconha. Vocês disseram que não fumavam maconha. Eles devolveram as carteiras de identidade a vocês e vocês foram liberados. Ao olharem para trás, vocês viram um rapaz negro levando um tapa dos policiais, no rosto. Estava amanhecendo e vocês só queriam ir para casa (pg. 147).

5. Um dia você ouviu o professor Oliveira falar sobre um livro, sobre um certo personagem russo, Raskólnikov. E foi como uma iluminação ouvir o professor lendo aquelas páginas de *Crime e castigo* [...]. Ficava feliz quando pegava algum engarrafamento e podia ficar lendo mais um pouco no ônibus [...]. E, mesmo quando o ônibus estava lotado, você dava um jeito de se segurar e continuar lendo. [...] Às vezes também, quando você ficava até mais tarde no escritório, voltava nos ônibus mais vazios e podia ir sentado. Foi num desses dias em que você estava na parte de trás do ônibus mergulhado em Raskólnikov que, sem que você percebesse, surgiu um policial bem na sua

frente. Na verdade, eram três ou quatro. Eles mandaram todos os homens descereem. Era uma blitz. Mas você custou a entender, porque sua cabeça ainda estava lá em São Petersburgo. O policial pediu com mais ênfase que você descesse do ônibus. Você obedeceu, estava cansado, estava com preguiça, mas tudo que você queria era terminar o *Crime e castigo*. Um rapaz, branco, sentado ao seu lado, também fez menção de levantar para descer do ônibus, mas o policial disse que ele não precisava descer. Você desceu e foi para a parede ainda segurando o livro. Ao olhar para o lado, percebeu que havia mais cinco homens negros na parede sendo revistados e questionados sobre para onde estavam indo, o que faziam da vida. O policial que te abordou pegou seu livro e, depois de te revistar, perguntou que livro era aquele. Você disse que era um livro de literatura. Ele folheou o livro, perguntou se era poesia [...]. O policial pareceu ter gostado. E disse que costumava ir à igreja rezar. *É bom os jovens lerem poesias e a Bíblia também. Você já leu a Bíblia?*, ele perguntou. Você disse que sim e acrescentou que o personagem do livro também virava católico. O policial ficou feliz. Te pediu desculpas pelo incômodo, mas é que era o trabalho dele, *porque Porto Alegre tá cheio de vagabundo*, ele disse. Você e os outros homens subiram no ônibus. O rapaz que não precisou descer, ao ver você chegar, trocou de lugar e foi sentar mais à frente (pg.147-48-49)

O anúncio dizia que era preciso ter boa aparência. E ler uma frase daquelas significava que aquele emprego não era para você. “Boa aparência” significava, na maioria das vezes, ser branco. [...] Três meses desempregado te fizeram aceitar um emprego de serviços gerais numa pizzaria [...]. Você costumava sair da pizzaria por volta das quatro horas da manhã. Caminhava por uma rua deserta até chegar numa parada de ônibus na avenida Osvaldo Aranha. [...] Num desses dias, você estava sozinho, esperando o ônibus corujão chegar. Você estava novamente cansado, com sono. Não via a hora de chegar em casa. Então você viu as cores vermelhas de uma sirene se aproximarem. Você rezou para não ser abordado mais uma vez. No entanto, sua reza não funcionou. Eles descereem de arma em punho, não apontaram para você, apenas mandaram você se virar e pôr as mãos na cabeça, perguntaram para onde você estava indo. *Para casa*, você respondeu. Eles abriram sua mochila, vasculharam suas coisas, na verdade eles viraram a mochila de cabeça para baixo e você ouviu suas coisas todas caírem no chão [...]. Depois disse que aquela não era hora de estar na rua, você disse que era trabalhador. O policial mandou você calar a boca que *senão te levo em cana, neguinho*. Eles guardaram as armas, entraram no carro e foram embora. E você ficou ali diante das suas coisas no chão, diante da sua mochila aberta [...] (pg. 149-150).

21 anos

7. [...] Certo dia, antes de você pegar o ônibus para voltar para casa, você decidiu dar uma volta no Parque Moinhos de Vento, com seu sapato novo e sua jaqueta reversível das lojas Tevah. O dia estava nublado, e de repente uma chuva fina começou e, para não se molhar, você começou a correr. Foi nesse momento que você escutou um ei-ei-para. E, ao olhar para trás, você viu um policial apontando uma arma para você. Você então parou e pôs as mãos na cabeça, mesmo que ninguém tivesse te pedido isso, mas é que você já tinha experiência em abordagens. Já conhecia as condutas. Outro policial se aproximou, também de arma em punho. Eram seis horas da tarde de uma segunda-feira, e apesar da chuva fina o parque estava cheio [...]. Os policiais continuavam apontando a arma para você. Depois mandaram você colocar a mochila no chão devagar e sem movimentos bruscos. Pelo rádio de um deles você escutou que o suspeito vestia uma jaqueta preta mas não era negro. Logo em seguida eles baixaram as armas. Depois disseram que um banco havia sido assaltado na rua Vinte e Quatro de Outubro e que um dos bandidos correu para dentro do parque, e que a única referência que eles tinham era que o assaltante estava usando uma jaqueta preta. Nesse momento, você deu uma boa olhada a sua volta e percebeu que havia outros homens de jaqueta preta. Os policiais disseram que você podia ir (pg. 151-52)

-

Na manhã do dia vinte e um de agosto de dois mil e dezesseis, você foi abordado pela polícia. Você estava na frente do seu prédio esperando uma carona para ir trabalhar. Você tinha cinquenta anos e não pensava que ainda teria de passar por isso. Enquanto você conferia a hora no seu relógio, dois policiais, em motocicletas, da Brigada Militar se aproximaram de você e perguntaram o que fazia ali parado [...] (pg. 142).

50 anos

Fonte: Da autora, 2026.

Os acontecimentos acima relatados demonstram fatos que extrapolam a superfície do texto literário e ultrapassam os limites da própria ficção, pois a população negra é a que mais sofre com abordagens policiais violentas no Brasil. Dados divulgados pelo portal G1, com base no Anuário Brasileiro de Segurança Pública, indicam que pessoas pretas e pardas têm

quase quatro vezes mais chances de serem mortas pela polícia do que pessoas brancas, representando 82,7% das vítimas desse tipo de violência (Santos, 2024, *on-line*).

Sob essa perspectiva, as vivências de Henrique ultrapassam o universo ficcional e revelam-se profundamente verossímeis, uma vez que refletem experiências cotidianas de inúmeros jovens negros que, diariamente, são alvo de abordagens policiais e que, constantemente, são vistos como suspeitos de ações delituosas. Tal realidade evidencia, de forma contundente e cruel, a presença estrutural do racismo na sociedade brasileira.

Ao apresentar esses relatos, o narrador demonstra que a experiência vivida por Henrique não é singular, mas coletiva, configurando-se como um retrato fiel das manifestações explícitas do racismo no cotidiano. Em nenhuma das situações narradas o personagem cometia qualquer ato ilícito; ainda assim, era abordado unicamente por ser negro, o que reforça a lógica discriminatória que associa corpos negros à criminalidade.

Isso se torna ainda mais evidente quando Henrique se torna professor de Literatura em uma escola da rede pública de Porto Alegre. Nesse sentido, observa-se que, nem mesmo quando a pessoa negra consegue ocupar outros espaços dentro da estrutura social, sua dignidade é plenamente respeitada, mesmo que esteja com cinquenta anos e exercendo uma profissão socialmente valorizada, tendo em vista que Henrique, não obstante apresente estas duas características, fora abordado pela polícia de forma violenta e desrespeitosa, tendo como único fator motivador a cor de sua pele.

As sucessivas opressões às quais o personagem é submetido culminam em sua morte, executada de maneira fria e sem qualquer demonstração de remorso. Desse modo, esse cenário evidencia que a ascensão social não é suficiente para proteger corpos negros da violência estatal, reforçando a ideia de que o racismo estrutura as relações sociais e institucionais, como discutido na fundamentação teórica.

A condição de Henrique como professor de Literatura é um elemento fundamental para a compreensão da cena de sua morte, posto que é justamente no momento em que o personagem experimenta uma sensação de realização profissional, ao conseguir estabelecer um diálogo significativo com os alunos por meio da literatura, que sua trajetória é violentamente interrompida. Tal contraste intensifica o caráter trágico da narrativa e evidencia a fragilidade da pessoa negra. Veja-se:

Agora você planejava levar Kafka, Cervantes, James Baldwin, Virginia Woolf e Toni Morrison para eles. Depois daquela noite, tudo era possível. Aquilo estava te salvando do abismo. E você nem percebeu quando os reflexos vermelhos de uma sirene bateram na parede de um prédio próximo a você. Nem percebeu a aproximação de uma viatura da polícia, e também não percebeu quando eles pararam

o carro ao seu lado. Você só se deu conta do que estava acontecendo quando um deles falou mais alto e disse para você parar. Era uma abordagem. Sua cabeça ainda estava na sala de aula, ainda estava em Dostoiévski. Ele gritou para você parar. Gritou para você ir para a parede. Mas você não escutou ou não quis escutar. Ele e os outros policiais estavam nervosos, era só para ser mais uma abordagem de rotina. Só isso, *vamos, porra, colabora*. Mas você não estava se importando mais com a rotina deles. Ele gritou novamente para você ir para a parede, ele já estava te apontando a arma. Mas para você já não fazia diferença, porque daquela vez eles não iam estragar tudo. *Vocês tinham de estar lá. Vocês tinham que ver a cara deles quando comecei a ler, vocês tinham que ver o silêncio deles, vocês tinham que vê-los prestando atenção. Vocês tinham de conhecer o Peterson, tinham de ouvir o que ele tinha para dizer sobre o livro*. Então, você abriu a pasta, ignorando os gritos do policial, os gritos de *larga a pasta, porra*. Você ignorou porque agora era a sua vez. Era a sua vez de ditar as regras. E a regra, agora, era seguir seu movimento, colocando a mão dentro da pasta. O primeiro tiro pegou no seu ombro, e foi como se você tivesse levado uma pedrada forte. O segundo foi no peito, dilacerante, uma dor difícil, não tão forte como as outras dores que tocaram seu corpo, mas ainda uma dor difícil. O terceiro foi dado por ele, pelo policial que vinha tendo pesadelos com homens negros invadindo a sua casa. Um tiro certo na tua cabeça. Os outros vieram simultaneamente. E a última imagem que você viu, foi a lua-gemada-ovo-nocopo-azul-lá-do-céu (Tenório, 2020, p. 176-177).

A cena que relata a morte de Henrique torna explícito aquilo que o romance vinha construindo desde o primeiro capítulo, tendo em vista que nós, leitores, já sabíamos que o personagem principal estava morto; contudo, não estava claro o que havia acontecido, qual era a causa, etc. O romance revelou, sob a lente de um personagem fictício negro, a impossibilidade de ele apenas existir plenamente, pois a sua condição racial se sobrepõe a qualquer outro marcador social, fazendo-o sofrer em diversos momentos da sua vida até a morte unicamente, pela cor da pele.

A abordagem policial descrita como rotineira também revela o caráter estrutural da violência racial, na qual a cor da pele é considerada como critério suficiente para julgamentos e criminalização dessas pessoas.

Tal problemática foi apontada na subseção 2.2.1 por Silva (2023), que afirma existir um estereótipo do “perfil marginal”. Segundo o autor, os jovens negros são os que mais sofrem com essas implicações, sendo expostos de forma cruel, inclusive em programas televisivos, como suspeitos de crimes ou como os principais causadores da criminalidade no país. Esse cenário resulta no fato de o Brasil possuir, na atualidade, uma das polícias mais letais do mundo, apresentando altos índices de mortes de crianças e de adolescentes negros.

Esse fenômeno caracteriza o racismo institucional, no qual as corporações policiais tendem a selecionar pessoas negras em abordagens de forma enviesada; no entanto, é também um reflexo do racismo estrutural, em que esse comportamento foi historicamente normalizado.

Por conseguinte, a obra expõe a crueldade de uma sociedade que nega, a todo custo, ao sujeito negro o seu direito de existir. Agora entendemos o motivo pelo qual Pedro diz que o corpo de seu pai nunca vai parar de morrer; a história de Henrique, na verdade, é um retrato fiel da vida de muitos cidadãos de bem que tiveram suas vidas interrompidas de modo abrupto, uma vez que todos os dias elas se repetem. É preciso lembrar, desse modo, que o corpo negro não é apenas uma matéria objetificada, é um ser humano, que tem vida, sonhos, objetivos, família, etc.

A forma pela qual o personagem Henrique foi violado durante toda a sua trajetória de vida e pela qual foi morto (fuzilado) com tantos tiros, como exposto na obra, deixa cicatrizes não só nele, mas em todos que, de alguma forma, também foram marcados por episódios de racismo. A denúncia, neste livro, é um infeliz lembrete de que o racismo existe e persiste não só na sociedade brasileira, mas também em vários lugares do mundo.

Em nós, fica apenas a memória de um corpo negro. O que fica são apenas lembranças, e não podemos esquecê-las, porquanto esse episódio dialoga diretamente com os dados estatísticos de mortalidade da população negra no Brasil, como revelado no Anuário Brasileiro de Segurança Pública, evidenciando que a literatura afro-brasileira, longe de ser mero artifício estético, constitui um espaço de resistência, de denúncia e de memória.

#### 4.1.2 As microagressões cotidianas

O racismo está para além do que vemos e ouvimos, manifestando-se também de forma mascarada, por meio de “piadas”, comentários agressivos carregados de preconceitos e de estereótipos, isto é, nas microagressões cotidianas. No caso de Henrique, essas situações começam com mais frequência quando ele começa a se relacionar com mulheres brancas:

Em pouco tempo você e Suellen passaram a ser o assunto dos corredores daquela pequena faculdade particular em Porto Alegre. O centro das atenções. E por um único e simples motivo: você era negro e ela era branca [...]. Alguns comentários racistas nunca chegaram até você, mas eles aconteciam a sua revelia (Tenório, 2020, p. 28, grifos nossos).

Nota-se que Henrique e Suellen se tornam os assuntos dos corredores da faculdade por serem um casal inter-racial, revelando que o racismo estrutural se manifesta de maneiras sutis nas relações sociais e afetivas. As reações das pessoas que rodeavam esse casal demonstram que até o afeto entre um homem negro e uma mulher branca pode ser percebido como algo fora do comum, como se isso desrespeitasse alguma norma que a sociedade impõe, levando-

nos a refletir que, mesmo em ambientes como o ensino superior, esfera em que circulam pessoas mais esclarecidas, as hierarquias sociais continuam atuando.

Este trecho também marca outra etapa da percepção de identidade do personagem, visto que a experiência amorosa, que deveria ser um espaço de acolhimento e de reconhecimento, foi atravessada pelas diferenças raciais. Uma situação semelhante a essa acontece quando Pedro revive as memórias de seu pai, enquanto namorava uma moça chamada Juliana:

Na verdade, Suellen foi a segunda namorada branca que você teve. Então, de certo modo, você já sabia lidar com essa situação, porque, antes da Suellen, você teve a Juliana [...]. Foi com Juliana que você começou a desconfiar da sua situação como homem negro no sul do país. Foi caminhando de mãos dadas com ela [...] que você começou a notar os olhares, às vezes acompanhados de piadas racistas [...] ela só poderia estar com você por dinheiro. *Pois uma branquinha daquelas com um neguinho desses, ha ha, não, não podia ser* (Tenório, 2020, p. 28, grifos nossos).

Ampliando a compreensão acerca do racismo estrutural, este se observa como um sistema que determina não apenas a vida em sociedade do indivíduo, mas também suas relações íntimas e afetivas circunscritas a domínios mais restritos, assim, no momento em que Henrique começa a desconfiar de sua condição de negro, em paralelo, percebe-se sua tomada de consciência racial, pois ele passa a notar os olhares, os comentários e os atos racistas disfarçados de piada, que carregam o peso de uma ideologia que inferioriza o corpo negro e coloca-o em uma posição subalterna.

Assim, comentários como *“uma branquinha daquelas com um neguinho desses”*, refletem o pensamento embranquecido que estrutura diversas camadas do tecido social, já que o relacionamento inter-racial é tratado como improvável e “suspeito”, demonstrando certa persistência de um imaginário coletivo que associa a branquitude à pureza e à superioridade, enquanto a negritude é associada à marginalidade ou sem valor.

Esses comportamentos persistem, também, não só com os de *fora*, mas com a própria companheira e a família dela:

No começo, você e Juliana não falavam sobre isso. Pois esse assunto ainda não importava. Vocês até chegaram a achar que o racismo não tinha nada a ver com o amor [...]. Acreditavam que as raças não existiam e que a humanidade era a única coisa que havia [...]. E, quando você foi apresentado à família de Juliana, quando naquele almoço de domingo o tio dela [...] te chamou de *negão*, você não se importou [...] aquilo significava algum tipo de intimidade, e você, enfim, estava sendo aceito pela família branca da sua namorada. Acontece que, em pouco tempo, você não só passou a ser o negão da família, como também passou a ser uma espécie de para-raios de todas as imagens estereotipadas sobre os negros: pois disseram que você era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que

você deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que devia jogar bem futebol [...] (Tenório, 2020, p. 28-29, grifos nossos).

Nesta ocasião, explicita-se o racismo ainda atuando de maneira sutil e velada, quando o preconceito é revestido de falsas cordialidades. Henrique, ainda jovem e em momento de muitas descobertas – algo natural dessa idade –, acredita fielmente que o amor supera todas as barreiras raciais impostas, caindo na ilusão de que “*as raças não existiam e que a humanidade era a única coisa que havia*”, essa ideia é reflexo direto do mito da democracia racial, pois sabe-se, como fora discutido no referencial – seção 2.3 –, que ela foi criada para negar a existência do racismo no Brasil, sustentando a falsa ideia de harmonia entre o dominador e o dominado.

Outrossim, ao ser chamado de “*negão*” ao mesmo tempo em que recebe uma sequência de comentários cheios de estereótipos; Henrique, neste momento, acaba internalizando o discurso racista sem reconhecê-lo, e essa naturalização do preconceito é o que o racismo estrutural deseja, em decorrência de ele acabar aceitando o que foi falado como se fosse uma demonstração de “intimidade”.

Tais evidências assemelham-se ao que defende Munanga (1978), ao alegar que o preconceito de cor afeta significativamente o psiquismo da vítima. Esta, muitas vezes sem perceber, introjeta a imagem negativa que lhe é atribuída e, na tentativa de escapar da inferiorização, busca aproximar-se do padrão de branquitude para obter, de alguma forma, a aceitação. Outrossim, o autor argumenta sobre a existência do paternalismo, no qual o branco brasileiro tende a ser “caridoso”, tratando o negro com uma falsa ternura. Esse cenário confunde a vítima, dificultando a percepção do racismo e a construção de sua consciência racial.

Tal perspectiva converge com as asserções de Hofbauer (2007) e Damascena e Miranda (2018) sobre como a tese do branqueamento atua como uma arma psicológica de alienação, pressionando pessoas negras a performarem a branquitude no cotidiano para que sejam socialmente aceitas.

As imagens estereotipadas, também proferidas pelos familiares de sua namorada, reforçam certa redução do *ser negro* a um conjunto de características, quer físicas, quer culturais, visto que, por mais que para o personagem pareçam inofensivas, são, na verdade, uma forma de “manutenção” da ideia de hierarquia racial, transformando a identidade negra em mera “caricatura”, limitando seus espaços e papéis sociais, como nos episódios a seguir:

[...] os negros são bons no atletismo. *Você não corre? Que os negros são ruins nadadores, já viu algum negro ganhar medalha olímpica na natação? Agora, olhem lá nas corridas. Vocês ganham tudo. É porque desde cedo aprendem a correr dos leões na África* (Tenório, 2020, p. 29).

A intimidade com o negão da família aumentou. As piadas sobre negros agora eram contadas sem nenhum pudor. Eles te tornaram cúmplice. No início você ria, porque queria continuar agradando e mostrar que era superior a tudo aquilo [...]. Um dia, o tio Sinval, percebendo o teu incômodo, passou a mão numa latinha de Brahma e foi ao seu encontro [...] perguntou se você ficara ofendido com alguma coisa, se sim, que não ficasse, porque aquilo era só uma piada. Só uma brincadeira [...]. *Tu não tem piadas sobre brancos? A melhor defesa é o ataque, filho. Tu deve saber alguma sobre brancos, não sabe? Diz aí* (Tenório, 2020, p. 31, grifos nossos).

Essas manifestações sutis, disfarçadas de humor acabam por reforçar alguns estereótipos e naturalizam a inferiorização das pessoas negras; ele é lembrado constantemente de que não pertence àquele espaço e internaliza, com efeito, o discurso racista quando ri para se proteger. Além disso, vemos o cinismo do personagem Sinval ao sugerir que Henrique também faça piadas, invertendo toda a lógica da opressão e negando o preconceito e o incômodo do outro, o que traduz outra faceta do racismo estrutural, ao passo que se tenta, a todo custo, naturalizar esse comportamento.

Outra maneira de manifestação das microagressões cotidianas advindas do racismo manifesta-se na vida de Martha, quando jovem, durante um relacionamento amoroso, ela recebe diversas investidas maldosas de sua sogra, que dizia que, por considerá-la da “família”, ela deveria limpar, passar e cozinhar para todos, como se o seu papel fosse o de uma empregada doméstica:

[...] Dona Maria disse que estava feliz de ter minha mãe morando com eles, que a via como uma filha, mas que elas tinham de combinar algumas coisas, como, por exemplo, as tarefas de casa. Minha mãe respondeu que sempre fazia tudo enquanto Vitinho trabalhava no armazém com o seu Armindo. Dona Maria não esperou que ela terminasse e foi mais direta: não estou falando só da casa de vocês, estou falando de tudo, e fez um gesto largo com um dos braços. Agora você é da família e isso significa que pode ajudar a manter a casa dos seus sogros limpa também. Uma moreninha forte igual a você pode ajudar bastante (Tenório, 2020, p. 79, grifos nossos).

Dona Maria reduz sua nora ao trabalho da casa, alegando que agora ela é da “família” e que a considera como “filha” e, por isso, deveria assumir essa responsabilidade. O pensamento dela pode ser visto com a mesma lógica oriunda do período colonial, que apenas vê os corpos como adequados para os trabalhos braçais, desconsiderando até o seu cansaço quando diz “*uma moreninha forte igual a você*”. Esses atos, também, reforçam as formas de

poder disfarçadas de acolhimento, para transformar a personagem em mão de obra disponível, sendo isso marcado pela eventual rotina que Martha exerce no seu dia a dia:

[...] Passados alguns meses, não demorou muito para que a rotina de casada começasse a incomodar minha mãe:  
 6h30: fazia o café para o seu Armindo e o Vitinho, que abriam o armazém às 7h30;  
 8h30: alimentava as galinhas e um casal de gansos dos quais ela morria de medo;  
 10h: preparava um lanche e levava para Vitinho;  
 10h30: varria a casa de dona Maria, o pátio e depois a própria casa;  
 11h: dona Maria e minha mãe começavam o almoço. Às vezes, elas iam à feira, que acontecia duas vezes por semana. E minha mãe era sempre quem carrega as compras, porque dona Maria argumentava que sofria da coluna e não podia carregar nada. Argumento que só mais tarde minha mãe saberia ser mentira. E, diante do mesmo argumento da dor na coluna, minha mãe fazia o almoço [...].  
 14h: lavava a louça, secava e depois ia para os fundos da casa e lia alguma revista de fofocas;  
 15h: preparava outro lanche para Vitinho;  
 16h: dona Maria saía para conversar com as amigas e pedia para minha mãe limpar o banheiro ou passar cera no chão;  
 18h: preparava o café da tarde para o sogro e o Vitinho;  
 20h: o armazém fechava e minha mãe tinha que pôr a mesa para o jantar;  
 22h: minha mãe lavava a louça;  
 23h: tomava banho e já não faziam amor durante a semana [...] dona Maria a tratava como uma empregada (Tenório, 2020, p. 80-81, grifos nossos).

Não há dúvidas, pelo que foi ilustrado, que Martha estava sendo negligenciada sem perceber, e é muito comum que pessoas que ocupam espaços considerados de alto padrão menosprezem os menos favorecidos, configurando a ideia de estar fazendo o bem quando, na verdade, os submetem a trabalhos como os que foram descritos, permanecendo, assim, a crença de que pessoas pretas devem ocupar somente esses papéis de subalternidade, o que não é verdade.

Como fora exposto, então, é perceptível que os personagens negros sofreram com as microagressões raciais cotidianas em diversos momentos da narrativa. Na tentativa de afirmar essas constatações, separamos termos e/ou comentários que foram direcionados aos personagens como uma forma de rotulá-los ou marginalizá-los:

Tabela 4 – Algumas passagens da obra que retratam as microagressões

Trecho	Página
“Bruno seguiu com a entrevista e disse que ia te dar uma chance, porque achava que podia te salvar do mundo das drogas, mesmo que você nunca tivesse experimentado drogas [...] queria te salvar das drogas e da violência”.	21
“disseram que você é mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que você deveria saber sambar [...] os negros são bons no atletismo. <i>Você não corre? [...] já viu algum negro ganhar medalha olímpica na natação? Agora, olhem lá nas corridas. Vocês ganham tudo. É porque desde cedo aprendem a correr dos leões na África</i> ”.	29
“Uma mulher branca com um homem negro, ele deve ser um bom homem”.	30
“Tu não tem piadas sobre brancos? A melhor defesa é o ataque, filho. Tu deve saber alguma sobre brancos, não sabe? Diz aí”.	31

“[...] você tinha mudado e que já não sabia brincar. Agora você levava tudo muito a sério. Agora tudo para você era racismo”	35
“embora fosse pretinha, era bonita e poderia até dar netos bonitos, eles pensaram”	65
“já tinha ouvido que as pretas eram assim, mas assim já é demais”	79
“minha mãe era sempre quem carregava as compras”	80
“Dona Maria a tratava como empregada”	81
“ <i>Não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua [...]</i> ”	88
“ <i>Meu pai bem que me avisou que as pretas não prestam</i> ”	100
“aquilo não ia ficar assim e que era isso que dava se envolver com uma preta”	117
“Todos são revistados, menos o rapaz branco. Na verdade, os policiais perguntam se está tudo bem com ele. Três negros com um branco num carro. É algo suspeito”	174-75

Fonte: Da autora, 2026.

Pela intensidade e recorrência dos atos, observa-se, como explicitado na tabela 4, que as microagressões sofridas pelos personagens diariamente não são eventos isolados, mas sim evidências do racismo estrutural, que acabam moldando a percepção dos indivíduos sobre como a pessoa negra é vista, a exemplo dos episódios expressos nas páginas 21 e 174, nos quais há uma presunção de perigo, de criminalidade, todos criados erroneamente em prol de um pensamento redutor e simplista, que obriga os sujeitos a adotarem até mesmo estratégias de sobrevivência, como “não falar alto” ou “não andar atrás de brancos”, na tentativa de não serem taxados sempre como suspeitos.

Ademais, o estereótipo de que pessoas negras estão sempre, de alguma forma, ligadas ao tráfico ou ao consumo de drogas, como exposto na página 21, também é considerado uma estratégia de perpetuação da marginalização destas pessoas na sociedade, uma vez que Henrique sequer havia experimentado tais substâncias ao longo de sua vida, reforçando a ideia de que, para o olhar racista de outrem, a cor da pele basta para sentenciar o sujeito.

Outra microagressão reside na forma como naturalizam fazer piadas e comentários de cunho racial, mas, quando o sujeito inicia o processo de consciência racial e confronta o comportamento racista, ele passa a ser visto como alguém dramático ou que “não sabe brincar”, a exemplo dos episódios nas páginas 31 e 35, em que invalidam a dor da pessoa negra, para que ela continue aceitando e internalizando discursos opressores em suas vivências.

Em relação ao comentário “*embora fosse pretinha, era bonita e poderia até dar netos bonitos*”, o elogio vem, antes de tudo, com uma falsa oposição, sugerindo, implicitamente, que a negritude e a beleza não são características que podem aparecer juntas, isto é, demonstram a posição racista de quem a proferiu, menosprezando a identidade da mulher negra, ao sugerir que sua aparência é uma “exceção à regra”, ferindo, dessa forma, sua dignidade.

Levando-se em consideração tais excertos do romance, é possível estabelecer uma ponte com a fundamentação teórica, especialmente no que tange às ideologias criadas para anular a construção de uma identidade negra crítica.

Isso posto, observa-se, ao longo da análise empreendida nos recortes da obra, que a sociedade que cerca o personagem não contribui positivamente para esse processo; pelo contrário, os personagens são constantemente ridicularizados. Há uma imposição implícita para que aceitem as agressões sofridas pois, como se sabe, as microagressões – mesmo que não sejam físicas – também são impactantes, conforme discutido por Munanga (1978), Santos (1983) e Moura (1988), afetando a visão que esses sujeitos possuem de si e do mundo.

#### 4.1.3 A objetificação do corpo negro como reflexo do racismo estrutural

Um fator que chama a atenção para a discussão, ainda, é a hipersexualização e objetificação do corpo negro, que também são reflexos do racismo estrutural. Essa ideologia, contudo, não surgiu do nada, mas sim de uma herança de um passado colonial escravista, porque desde os longos séculos de escravidão, os corpos negros eram tratados como mera mercadoria e/ou objeto, ou seja, eram reduzidos e avaliados de acordo com as suas características físicas, incluindo as genitais, e o conjunto social contemporâneo continua reproduzindo essa visão objetificante do corpo negro (Barros; Barreto, 2018). Pode-se constatar esse olhar no seguinte trecho:

[...] Juliana era bombardeada pelas primas e amigas que nunca tiveram um namorado negro: *e então, como ele é? Tem pegada mesmo, como dizem dos negros? E o pau dele? É grande? É verdade que eles são insaciáveis? Qual o cheiro dele?* (Tenório, 2020, p. 29-30, grifos nossos)

Aqui, o que vemos é o personagem sendo resumido ao seu órgão sexual, pois elas não perguntam sobre quem ele é, como é sua personalidade, mas sim o resumem ao corpo, ao que ele faz à sós com ela. As mulheres que conversam com Juliana apenas sexualizam o corpo de Henrique, como se ele fosse uma mera curiosidade exótica, cuja única função é satisfazê-la, sem considerar seus sentimentos e seus valores, perpetuando a fantasia do “*negro viril*”, “*animalizado*” e “*insaciável*”, construída desde a época da escravidão pela elite branca.

Esses aspectos, sob o ponto de vista de Santos (1983), são estereótipos prejudiciais que constituem a imagem da pessoa negra. Dado que muitos acreditam tratar-se de uma significação aparentemente “*positiva*” e, na verdade, esse “*privilégio*” materializa-se na ideia

de uma “*singular resistência física*”. Tal resistência e o desempenho sexual são atributos que tornam explícito esse falso reconhecimento de superioridade, pois esses “*dons*” são associados à irracionalidade e ao primitivismo. Desse modo, a autora expõe que a superpotência sexual é apenas mais um estereótipo que reafirma a representação de animalidade, em oposição à condição histórica e à humanidade do indivíduo, afetando, também, sua relação com o próprio corpo.

Ademais, por mais que Juliana não gostasse desses comentários, ela também não dava um “basta” e, então, ela se torna conivente dessas atitudes. Desse modo, com todos esses comportamentos inadequados advindos da família dela, não demorou muito para que a ideia de raça também atravessasse a relação dos dois de uma forma íntima, transformando a cor da pele em fetiche sexual, como é perceptível nesse trecho:

[...] Em poucos meses vocês perceberam que a cor da pele era algo importante e que não poderia mais ser ignorado no relacionamento de vocês. Não demorou muito para que Juliana começasse a te chamar carinhosamente de *meu nego* e você começasse a chamá-la carinhosamente de *minha branquinha* [...] não demorou muito para que aquela história de raça fosse para cama junto com vocês. Pois a diferença de cor que antes era algo bonito, delicado e político, agora passou a excitá-los. Um conjunto de discursos raciais foi rapidamente transformado em erotismo. *Vem, minha branquinha. Vem, meu negão. Chupa a tua branquinha. Chupa o teu nego. Adoro a tua pele branquinha. Adoro a tua pele, meu nego. Adoro a tua boceta branca. Adoro o teu pau preto* [...] (Tenório, 2020, p. 30-31, grifos nossos).

Percebe-se que a tomada de consciência racial foi rapidamente desviada. O que antes era visto como “bonito, delicado e político” é agora substituído pela redução aos traços físicos e estereótipos raciais. Desse modo, até o ato sexual é atravessado pela hipersexualização e pelo fetichismo, revelando que o racismo não se manifesta somente nas violências explícitas, mas também na maneira como os corpos são percebidos. Isso se aplica até mesmo aos grupos pertencentes a essa etnia, pois eles acabam cedendo à fetichização e à reprodução desses estereótipos em nome de uma aceitação distorcida ou de um desejo.

É importante, destacar, ainda, que, ao reduzir a identidade do indivíduo negro por meio da cor de sua pele, há uma anulação da complexidade histórica, cultural e da subjetividade do outro. Nesse processo, o corpo negro é tornado hipersexualizado sob uma ótica construída pelo imaginário branco, enquanto a pessoa branca é fetichizada por sua suposta pureza ou exotismo racial.

Além de Henrique, as personagens femininas também sofrem com o problema do chamado fetiche sexual. Esse fato fica evidente no momento em que ele leva Juliana para

conhecer sua família e, então, deparamo-nos com Luara, sua irmã, a qual também sofre constantemente com isso:

[...] Luara era dois anos mais nova que você, entretanto sempre pareceu mais madura. Ela nunca teve um namorado branco. Na verdade, poucos homens brancos olhavam para ela. E, quando percebeu isso era devido a sua pele retinta, quando notou que os homens brancos não gostavam do cabelo dela, quando entendeu que ela só servia como fetiche sexual, Luara passou a rebater o mundo branco sempre que podia (Tenório, 2020, p. 32, grifos nossos)

O pensamento de Luara não é algo diferenciado, visto que existe uma ideologia do que é ser belo, e o padrão de beleza estabelecido na sociedade é de “mulheres brancas, magras, altas e de olhos claros. E quem não se enquadra nesse perfil está automaticamente excluído desse processo” (Teixeira, Queiroz, 2017) e, nessa mesma linha, a mulher negra acaba sendo influenciada por esse sistema, que acredita que ela só serve para satisfazer as vontades do homem, devido à imagem criada por estes desde o período da escravidão, “de ser uma mulher sensual e exótica que serve apenas para satisfação de um prazer, por carregar um estigma de ser safada, ferosa, pela desvalorização por causa da cor” (Teixeira, Queiroz, 2017).

Lendo nas entrelinhas do texto, é possível dizer que a humanidade e a complexidade de Luara são também negadas, em favor de um papel limitado e preconceituoso, o que transforma tudo o que ela é em uma fantasia, como se fosse possível reduzir uma pessoa a uma mercadoria, por meio de um olhar, isto é, uma visão destituída de sentimentos. Para os racistas, ela era apenas um *corpo*.

O mesmo aconteceu com Martha – mãe de Pedro –, na adolescência, quando entrou na fase da puberdade e seu corpo começou a se desenvolver, passando a perceber os olhares maldosos dos homens em relação ao seu corpo:

Minha mãe estava com treze anos quando escutou um homem que tinha a idade para ser seu avô dizer que ela era uma mulatinha muito gostosa. E, ao ouvir aquilo, minha mãe se assustou, porque jamais tinha sido chamada assim. Achou nojento, nunca tinha pensado que seu corpo e sua pele pudessem atrair a atenção dos homens daquela forma. E, assim, ela ganhava outro adjetivo que carregaria pelo resto da vida: “mulatinha” (Tenório, 2020, p. 54, grifos nossos).

A hipersexualização precoce vivenciada pela personagem demonstra o estereótipo que remete ao sistema escravista, no qual as mulheres negras eram vistas como “quentes”, “lascivas”; e, por vezes, são nessas raras ocasiões, majoritariamente, em que a sociedade expressa algum tipo de desejo por essas mulheres, guiando-se pela ideia de que esta possui um “sabor diferente”. Isso serve como subterfúgio para a manutenção do racismo, que impõe

a ideologia de que a mulher negra é exposta: “à dicotomia do gostoso, exótico e diferente, mas que ao mesmo tempo é proibido, impensável, pecaminoso e não serve para o matrimônio ou monogamia” (Arraes, 2013, *on-line*).

As violências simbólicas não pararam por aí, visto que, quando Martha foi amadurecendo e começou a se relacionar com um rapaz chamado Vitor, comentários advindos da família dele, em especial, de sua mãe, começaram a surgir, na mesma intensidade dos parentes de Henrique, que proferiam palavras e/ou expressões que escondiam a sua verdadeira raiz: o racismo.

A família de Vitor construía uma falsa ideia de pertencimento e aceitação; contudo, o que se percebe, na verdade, é a personagem sendo rotulada pela cor de sua pele, repetindo-se a mesma lógica de acontecimentos na adolescência:

Certa vez, dona Maria chamou-lhes atenção por causa dos barulhos noturnos e disse que ali era uma casa de respeito e não um puteiro, que, se minha mãe estava acostumada a gritar daquele jeito quando andava perdida por aí, que ali tinha que respeitar, porque eles eram cristãos, iam à igreja e zelavam pela moral. Já tinha ouvido que as pretas eram assim, mas assim já é demais [...] (Tenório, 2020, p. 79, grifos nossos).

Ao dizer que “*as pretas eram assim*”, a personagem não apenas reproduz um estereótipo que está enraizado no imaginário coletivo, mas também o utiliza na tentativa de ridicularizá-la em público, descrevendo-a como “escandalosa” ou “presa fácil”.

Conforme pontuam Queiroz e Teixeira (2017), o corpo é definido como tudo o que ocupa espaço e constitui uma unidade orgânica ou inorgânica. Seu significado é vasto, remetendo a um ser que ocupa um lugar na sociedade; trata-se, portanto, de um ser social, dotado de identidade, nome, cor e fenótipo.

Em suma, o corpo é uma representação social. Nesse sentido, sob a égide do racismo estrutural, os corpos negros são submetidos a uma dualidade sistêmica: ao mesmo tempo em que são marginalizados e invisibilizados em espaços de poder e prestígio, são hipersexualizados e objetificados, processos que operam conjuntamente para manter a subalternidade desses sujeitos na organização social.

#### **4.2 A construção da identidade de Henrique: o tornar-se negro**

Tomando como base o que fora discutido na seção 2.3 deste trabalho, muitas são as tentativas de se anular a construção de uma identidade negra, seja criando mitos ou

desqualificando as formas de viver que são distintas daquelas pré-estabelecidas pela elite da sociedade. As pessoas negras, em muitas ocasiões, são desencorajadas a criar consciência racial, a conhecer a história e a cultura que a elas pertencem para serem “aceitas”.

Sabe-se, ainda, que a identidade de uma pessoa não é construída individualmente, mas sim coletivamente, como afirmam Dubar (1997), Adesky (1997) e Ciampa (1987). Todavia, tratando-se da identidade negra, isso vai além, pois como pontua Santos (1983), a identidade negra não é uma condição dada, a priori; trata-se de um *vir a ser*: ser negro é tornar-se negro, articulando-se com o individual, o social, o passado e o presente.

Dessa maneira, a primeira declaração explícita que denuncia que o personagem Henrique ainda não possui consciência racial ou de sua identidade acontece aos catorze anos, quando fora agredido e levado à delegacia por ter sido confundido com um bandido – citado na seção 4.1 – pois Pedro diz “*ser confundido com bandido vai fazer parte da sua trajetória. E você vai custar a compreender por que essas coisas acontecem*”.

O personagem não consegue identificar o motivo pelo qual foi agredido na rua, nem por que foi taxado como bandido. E esse é um fator determinante para a percepção dele sobre si mesmo na sociedade, pois o que vemos é o corpo negro sendo marcado por estigmas que o antecedem, revelando que a sua identidade está sendo construída a partir do olhar do outro que, por acaso, não é positivo.

O episódio envolvendo o advogado, em sua primeira entrevista de emprego, demonstra que Henrique carregava muitas sequelas, já que, mesmo aos dezenove anos, ele ainda não conseguia se defender, tampouco possuía conhecimento sobre sua negritude, como vemos no seguinte trecho: “*Na época, você nem sabia muito bem o que significava ser negro. Não havia discutido nada sobre racismo, nada sobre negritude, nada sobre nada*” (Tenório, 2020, p. 20).

Essa foi a fase inicial do desenvolvimento identitário de sua jornada; embora ele ainda não tivesse a plena consciência, ele estava no primeiro passo para começar a se reconhecer, criticamente, como um indivíduo negro na sociedade. No entanto, Henrique só começou a “desconfiar” de como era viver como uma pessoa negra na fase adulta, no sul do país, quando começou o namoro com Juliana, ao andar de mãos dadas com ela pelas ruas, notou os comentários racistas, como já mencionado na seção anterior, mas mesmo assim os ignorou, porque, afinal, esse assunto não “importava”.

Até esse momento, pode-se deduzir que o personagem não tinha muitas referências negras para que ele pudesse, também, se autoidentificar e refletir sobre as vicissitudes do negro na sociedade brasileira, suas implicações etc. Essa situação só se modifica quando o

personagem começa a ter aulas em um cursinho de pré-vestibular com um professor chamado Oliveira; tendo em vista que foi com ele que Henrique passou a tomar consciência de si e do mundo em que está inserido, como ilustrado a seguir:

[...] você conheceu o professor Oliveira. Será com ele que você tomará consciência de si e do mundo branco em que está inserido. Oliveira era poeta e professor de Literatura. Usava cabelo black power. Barba grande. Você ficou impressionado com aquele professor negro que falava de Shakespeare e Ogum com a mesma intensidade e beleza. A partir dali, sua vida não seria mais a mesma. Mas enquanto isso, você e Juliana partilhavam da mesma visão de mundo. Acreditavam que raças não existiam e que a humanidade era a única coisa que havia. Na primeira vez que ouviu falar em consciência negra, você não compreendia que a sociedade se importava mais a sua cor do que com o seu caráter (Tenório, 2020, p. 29, grifos nossos).

O primeiro encontro com o professor Oliveira foi, digamos, um ponto “decisivo” no processo de construção identitária de Henrique, visto que funcionou como o primeiro contato positivo com a sua negritude, enquanto oportunidade de reconhecimento e de pertencimento.

Desse modo, nesta circunstância, o professor representa uma figura de identificação que permite ao protagonista vislumbrar novas formas de existir no mundo, para além das imagens associadas à marginalização.

Alinhando-se à visão de Gomes (2002), o qual defende que a identidade negra mostra-se também na construção do olhar sobre o grupo étnico ou na forma como se veem a partir da relação com o outro, Oliveira torna-se um exemplo para Henrique, que passa a mudar sua percepção sobre como a cor da pele pode impactar a maneira como as pessoas o enxergam.

Ao afirmar que “*será com ele que você tomará consciência de si e do mundo branco em que está inserido*”, Pedro evidencia que a consciência racial de seu pai não surgiu de forma espontânea; ela foi construída mediante o confronto entre suas vivências individuais e as estruturas sociais, visto que o protagonista compartilha com Juliana uma visão utópica de que raças não existem, refugiando-se, para o que Moura (1988) aponta como uma “falsa magia cromática”, substituindo a identidade étnica por mitos reificadores.

Esse mecanismo é utilizado por sujeitos que buscam ignorar a realidade concreta por meio de uma ideologia dolorosa, na qual o dominado tenta se aproximar simbolicamente dos padrões do dominador. Tal processo demonstra o apagamento das desigualdades e a internalização de um discurso que ignora os efeitos do racismo, sustentando a ilusão de uma democracia racial, como percebido neste trecho:

[...] de maneira muito hipotética, vocês imaginavam como seria um filho de vocês, pensavam na aparência dele, no tipo de cabelo e no tom de pele. Pensavam que iriam ensiná-lo a não se preocupar com isso. Iriam educá-lo sem preconceitos. Branco e

negros são iguais, e é isso que importa [...]. Quando você entrava sozinho numa loja e recebia um tratamento frio e desconfiado por ser negro, se dava conta de que, quando Juliana entrava e te beijava, os vendedores te tratavam melhor. Uma mulher branca com um homem negro, ele deve ser um bom homem. E por algum tempo você passou a gostar disso também. A presença de Juliana te dava uma espécie de salvo-conduto em certos ambientes. Porque, quando você estava com ela, você não era qualquer negro diante dos outros. Você era especial (Tenório, 2020, p. 30, grifos nossos)

O trecho explicita a construção da identidade negra ocorrendo em meio a contradições produzidas pelo racismo. Ao dizerem que criariam o filho sem a perspectiva da cor – sob a premissa de que todos são iguais e de que possuem as mesmas oportunidades –, revela-se, na verdade, uma igualdade que é abstrata, desconsiderando as relações de poder presentes na sociedade. Em adição, a mudança no comportamento dos vendedores, consoante a presença de Juliana demonstra que o reconhecimento social do sujeito negro, nesse contexto, não se dá por quem ele é, mas por sua associação com a branquitude.

Esse acontecimento interfere, sem sombra de dúvidas, no desenvolvimento pleno de sua identidade racial, dado que o protagonista passa a “gostar” de como é tratado, quando está acompanhado de uma mulher branca, produzindo uma aceitação momentânea de privilégios condicionados, na qual o sujeito oscila entre o desejo de pertencimento e a consciência de que esse pertencimento é frágil, dependente e, em última análise, excludente.

Esses fatores, se somados ao que Costa (1982) defende, permitem deduzir que Henrique foi levado a desejar ou a projetar um tipo de futuro identificatório antagônico em relação à realidade que seu corpo vivencia. Isso ocorre porque todo ideal identificatório, segundo Costa (1982), converte-se em uma utopia inexistente de retorno a um passado no qual ele poderia ter sido branco; ele, no desejo de embranquecer, busca, antes de tudo, a própria extinção de sua subjetividade.

Levando-se em consideração as discussões teóricas, viu-se que, embora existam ideologias que confundem a vítima e mascarem as nuances envoltas em seu desenvolvimento de identidade, não é impossível que a pessoa atingida com a violência tome consciência crítica do fato de ultraje.

A partir do momento em que o sujeito percebe a natureza do racismo estrutural e compreende que o preconceito é um fenômeno social e não individual, inicia-se um despertar crítico e, como consequência, há a quebra das ilusões de pertencimento aos grupos hegemônicos, como bem ilustrado na tabela 2<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Tabela inserida na subseção 2.3.2 A Identidade Negra.

Na subseção 4.1.2 desta análise, foram evidenciadas as microagressões sofridas pelos personagens. No caso de Henrique, observou-se que, inicialmente, ele não reagia a tais ofensas por receio da reprovação da família branca de sua namorada. Todavia, sob a influência dos ensinamentos de seu professor, ele começou a entender que tais condutas configuravam não apenas violências simbólicas, mas também atos ilícitos. Esse processo marca a transição para a fase de “consciência da diferença”, conforme detalhado na Tabela 2, baseada na obra de Neusa Santos. Veja-se:

[...] você só entender de fato a situação de sua irmã quando você conheceu o professor Oliveira. Na época, você se preparava para prestar o vestibular, graças a uma ONG [...]. Naquele momento, você não sabia muito bem o que queria fazer [...]. Nunca se questionou por que era pobre [...]. Nunca se perguntou por que a polícia o abordava na rua com tanta frequência. A vida simplesmente acontecia e você simplesmente passava por ela. Mas, quando o professor Oliveira contou para sua turma sobre Malcon X, quando vocês conversaram sobre Martin Luther King, quando pela primeira vez você ouviu a palavra “negritude”, o seu entendimento sobre a vida tomou outra dimensão, e você se deu conta de que ser negro era mais grave do que imaginava (Tenório, 2020, p. 33).

Esse episódio na vida de Henrique representa o momento em que, diante de sua realidade, finalmente compreende de forma mais consciente sua condição racial. Antes das aulas do professor, ele não se questionava, por exemplo, sobre a pobreza, as violências e marginalizações que sofreu, o que explicitava a naturalização das opressões em sua vida. Além disso, observa-se que, ao deparar-se com as referências negras apresentadas em aula, ele sofre “um choque de realidade”, sobretudo, ao perceber que “ser negro era mais grave do que imaginava”, confirmando-se, assim, que a identidade não é um dado biológico, mas uma construção social e subjetiva.

Henrique, após as aulas do professor começa a estabelecer dois pontos de sua identidade: a ruptura interna aliada à afirmação de sua negritude<sup>4</sup>, e bem como a reflexão sobre o racismo e os percalços existentes na sociedade brasileira relacionados a sua manifestação:

Foi com o professor Oliveira que você descobriu que as raças não existiam. Numa única aula você aprendeu que a raça era uma mentira. Que a sua cor era uma invenção cruel e orquestrada pelos europeus. Descobriu que a escravidão negra foi sustentada por discursos racistas a partir do século XVIII. Ouviu o professor Oliveira falar sobre como tudo isso tinha começado. Anotou quando ele escreveu no quadro alguns nomes, como, por exemplo, o de Lineu, um botânico sueco que começou a dividir a humanidade em raças de acordo com a origem e a cor da pele: os europeus, os americanos, os asiáticos, os africanos e os malaiois. Você anotou tudo porque estava estupefato. O conhecimento nunca o havia atingido daquela

---

<sup>4</sup> Ver tabela 2.

forma. Depois você anotou outro nome: Johann Blumenbach, um zoólogo alemão que seria o primeiro a atribuir cor à humanidade, e que, nos seus estudos, em meados do século XVIII, dividiu os seres humanos em brancos, vermelhos, amarelos, marrons e pretos. Você continua com suas anotações, ninguém interrompe a exposição do professor, alguns porque estão quase dormindo e talvez não se importem com essa história de raça; mas outros, como você, porque estão realmente interessados. Oliveira anota mais um nome no quadro e diz para jamais esquecerem dele: *Arthur de Gobineau, o pai do racismo*, ele completa. *Foi este sujeito aqui quem aproximou o conceito de raça do discurso político. Não esqueçam dele*, ele repetiu. *Foi Arthur de Gobineau quem afirmou que as raças protagonizaram as lutas pelo poder e que, portanto, haveria raças inferiores e raças superiores. Depois dele, outros estudiosos da raça vieram e agregaram mais valores científicos para comprovar que os negros pertenciam a uma raça menor*. Então, o professor Oliveira projetou um crânio na lousa e perguntou se era possível definir o caráter de uma pessoa apenas olhando para aquela imagem. Se podiam dizer se se tratava de uma pessoa mais ou menos inteligente. Ninguém disse nada, porque não queriam desapontá-lo com alguma resposta idiota. Então, o próprio professor Oliveira respondeu: *é claro que não podemos. Mas as teorias racistas dos séculos dezoito e dezenove acreditavam que sim. Entretanto, do ponto de vista científico, seria um absurdo, um engodo, um embuste*, ele dizia. E você gostava quando o professor Oliveira dizia palavras difíceis, pois anotava todas elas para mais tarde procurar seus significados. Seria um absurdo, continuava ele, porque a comprovação daquelas teorias era completamente arbitrária. Eram teorias que serviam apenas para fortalecer e sustentar o discurso racista da escravidão (Tenório, 2020, p. 33-34).

Como já mencionado, Oliveira apresenta-se como elemento decisivo na construção da identidade racial de Henrique, visto que ele desnaturaliza o que fora imposto na sociedade desde a colonização e a escravidão. Tais imposições foram reforçadas por intelectuais racistas que endossaram a crença na superioridade branca e consolidaram o mito da democracia racial. Assim, o personagem entra em contato com a dimensão estrutural do racismo, compreendendo que suas vivências não são frutos do acaso, mas sim de discursos científicos, políticos criados. Por isso, Henrique demonstra-se “estupefato” ao deparar-se com a real complexidade do que significa ser negro no Brasil.

A exposição feita pelo professor dialoga com o que Munanga (2004) discute, ao demonstrar que, na tentativa de justificar os comportamentos racistas, construíram-se crenças de que a “raça branca” seria superior à “raça negra”. Tais crenças serviram para legitimar todo tipo de dominação e de atrocidade.

Nesse sentido, o conhecimento histórico apresentado em sala de aula rompe com a lógica de inferiorização internalizada, destacando que essas teorias raciais foram forjadas, principalmente, para sustentar o sistema escravista. É por isso que leis como a 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da cultura e da história afro-brasileira nas escolas são de suma importância, para que o sujeito, desde cedo, apreenda a complexidade histórica e desconstrua os mitos da inferioridade pré-estabelecidos.

Em última instância, há a construção plena da identidade de Henrique, já que, ao compreender como a sociedade o vê e é organizada, ele passa a refletir sobre toda a sua trajetória e a sua relação com o corpo, porque agora ele “já começara a ter um pouco mais de consciência”, e passara a posicionar-se frente às piadas racistas, aos comportamentos das pessoas, às abordagens a que foi submetido entre outros fatores.

Reconhecer-se, por fim, como uma pessoa negra em uma sociedade que busca inferiorizar a negritude é uma tarefa eminentemente política, pois, como já afirmava Neusa Santos (1983), esse processo exige uma contestação dos modelos primeiros. Quando esse modelo é rompido, como no caso de Henrique, o sujeito (re)organiza as suas possibilidades, as quais lhe permitirão ter um rosto próprio, uma identidade que não foi lhe dada. Ele *veio a ser* a partir do momento em que tomou consciência das implicações existentes.

É perceptível, tomando como base toda a trajetória do personagem, que a pessoa negra também é levada a ascender socialmente como uma estratégia para que ela seja aceita na sociedade, enquanto humanidade. Busca-se, dessa forma, essa aceitação por intermédio da perspectiva branca e do embraquecimento, como discutem Santos (1983), Nascimento (1978), Moura (1988) e outros intelectuais trazidos na seção 2.

É muito difícil, sob essas óticas, principalmente a de Neusa Santos, desvincular-se do ideal da branquitude, visto que a visão idealizada sobre o que é ser humano perpassa pelo paradigma branco e seus simbolismos. Quando o sujeito ainda não sabe ou não tem a noção ampla desses aspectos vinculados ao racismo estrutural, ocorre um “apagamento” de sua identidade, ele, com efeito, acaba destituindo-se de si mesmo, obstruindo a sua reflexão sobre o passado.

Ao se compreender como funcionam as formas de manifestação do racismo, mediante os aspectos abordados no referencial teórico deste estudo, constata-se, portanto, a crueldade na construção identitária de Henrique, percebendo-se a imposição para que sua subjetividade seja anulada, fato que gera no personagem um apagamento de si, isso ocorre sempre que se fecham os olhos para a realidade. Todavia, quando ele consegue enxergar as mazelas do racismo, inicia-se, também, sua luta para resgatar o que foi perdido, dessa maneira, Henrique verifica que não é impossível resgatar-se; sendo assim, finalmente, “torna-se negro”, já que esse processo também envolve uma recuperação do passado, uma atuação para um resgate de memória histórica e política do sujeito.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise literária ora apresentada na seção anterior teve êxito na proposta de responder à problemática que deu início a esta pesquisa, tendo em vista que se mostrou e se refletiu de que forma ocorre a construção de uma identidade negra em meio ao racismo estrutural presente na sociedade, permitindo-nos concluir que:

A identidade negra não é construída de forma positiva se o sujeito não possuir consciência racial, valorizando a cultura, a história, seu passado ancestral e sua relação com o corpo e a forma como ele é percebido.

O racismo e as suas implicações são as causas para que se anule a construção da identidade racial da pessoa negra, causando uma espécie de alienação, atrelada à ótica desumanizante que o racismo estrutural institui e projeta, visto que o corpo social embebido pela visão racista articulada a um sistema opressor, desencoraja a associação da pessoa negra à negritude, ao alegar que não existe racismo, sob a perspectiva enganadora do mito da democracia racial. Não obstante, ratificou-se neste estudo que o racismo é estrutural e está presente até em pequenas partes do cotidiano, por vezes, disfarçado.

É impossível sair da leitura de *O Averso da Pele* (2020), de Jeferson Tenório, da mesma forma que se entrou, pois ela toca o leitor de tal forma que é quase possível sentir todos os anseios dos personagens – especialmente para aqueles que são leitores negros, pois sentimos e vemos todos os dias que o que a obra expõe está longe de ser apenas ficção, pois poucas são as pessoas negras na vida real que conseguem desviar-se desse fim triste e cruel. Sendo assim, a trajetória do personagem Henrique reflete a vida de muitos cidadãos que são abordados pela polícia injustamente e discriminados todos os dias.

O narrador, Pedro, ao tentar recuperar as memórias de seu pai, por meio dos relatos no percurso de 189 páginas, demonstra que a história de Henrique não é única, mas representativa de uma coletividade tensa, revelando que a literatura afro-brasileira se apresenta como um espaço de denúncia e resistência de minorias que necessitam de vozes que se unam às suas para o alcance de conquistas que aos poucos abram espaço para a diminuição de problemas sociais como este.

É possível concluir, ainda, que, como a obra mostra, não é impossível construir uma identidade negra plena e com orgulho. É preciso, para tanto, estar preparado para assumir-se como negro na sociedade e declarar-se participante da luta contra opressões racistas, posto que, quando se faz isso, há um recuperar-se, um reconstruir-se e um orgulhar-se.

A literatura afro-brasileira, observada por meio das lentes teóricas trazidas e da análise do romance, mostrou-se uma ferramenta eficaz para realizar denúncias não só sobre o racismo explícito que se perpetua na sociedade brasileira, mas também para expor as nuances por trás dele. Ademais, a análise do romance contribuiu para a reflexão acerca do racismo estrutural no Brasil e suas implicações para a construção e autoidentificação do sujeito negro.

Concluimos, ainda, que os objetivos propostos neste trabalho foram alcançados com algumas ressalvas: poderíamos, se houvesse tempo hábil, ter analisado a identidade de Pedro, o filho de Henrique e também narrador da história, dado que as memórias afetivas e dolorosas de seu pai poderiam ser fatores para que ele pensasse na própria identidade enquanto sujeito negro e a desenvolvesse com consciência crítica e política. Além das identidades femininas, de Martha – esposa de Henrique – e Luara – irmã –, no entanto, deixaremos como ideia para trabalhos futuros.

No mais, acredita-se que os objetivos alcançados, por mais que sejam limitados, fornecem uma visão ampla sobre o racismo estrutural e a identidade negra no Brasil, auxiliando, assim, na divulgação científica de obras como esta, ajudando não só a comunidade acadêmica, mas a sociedade como um todo.

É preciso preservar e considerar *o avesso da pele* como fator imprescindível da subjetividade e identidade negra. Em face disso, é preciso que continuemos lutando e resistindo para que a cor da pele não determine nosso modo de estar e viver no mundo.

## REFERÊNCIAS

- ADESKY, F. **Pluralismo étnico e multiculturalismo-racismos e anti-racismos no Brasil**. 1997. 354f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, SP, 1997. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000746177> Acesso em: 30 abr. 2025.
- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar** [livro eletrônico]. Campinas, SP: Papirus, 1995. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1076>. Acesso em: 22 out. 2025.
- ARRAES, J. A sexualidade da mulher negra. **Geledés**, 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-sexualidade-da-mulher-negra/>. Acesso em: 11 set. 2025.
- BARROS, P. E.; BARRETO, R. M. Corpo negro e pornografia. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 12, n. 19, 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/16361>. Acesso em: 31 abr. 2025.
- BERND, Z. Da voz à letra: itinerários da literatura afro-brasileira. **Via Atlântica**, v. 18, p. 29-41, 2010. Disponível em <https://revistas.usp.br/viaatlantica/article/download/50737/54843/0>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- BERND, Z. Literatura negra brasileira: racismo e defesa de direitos humanos. **Letras**, Santa Maria, n. 16, p. 91-102, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11485>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- BRYM, R. J. *et al.* **Sociologia: sua bússola para um novo mundo**. 1. ed. brasileira. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- CANDIDO, A. **Iniciação à literatura brasileira**. 4. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1999.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1988, p. 169-191.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987.
- COSTA, J. F. Prefácio. In: SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- CUTI, L. S. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DAMASCENA, Q. S.; MIRANDA, E. O. Caminhos identitários: contribuições de Kabengele Munanga na construção da identidade negra positiva. **REVHIST-Revista de História da UEG**, v. 7, n. 1, p. 145-155, 2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/7329>. Acesso em: 20 out. 2025.

- DOMINGUES, P. J. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. *África*, [S. l.], n. 24-26, p. 193–210, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74041>. Acesso em: 31 jan. 2026.
- DUARTE, E. A. O negro na literatura brasileira. *Navegações*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 146–153, 2013. Disponível em: <https://pucrs.emnuvens.com.br/navegacoes/article/view/16787>. Acesso em: 30 maio 2025.
- DUARTE, E. A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Revista Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/596319825.pdf>. Acesso em: 08 maio. 2025.
- DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Tradução: Annette Pierrette R. Botelho; Estela Pinto Ribeiro Lamas. Porto: Ed. Porto, 1997.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, [S. l.], v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/download/4365/4510/>. Acesso em: 10 set. 2025.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.
- FERREIRA, F.; CAMARGO, C. As Relações Cotidianas e Construção da Identidade Negra. **Psicologia: ciência e profissão**, [S. l.], v. 31, p. 374-389, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/CppZVmLfcpHtFr7WCNPgpGq/?lang=pt>. Acesso em: 11 out. 2025.
- FERREIRA, J. R. *et al.* **A poética da escravidão em Castro Alves e Cruz e Sousa**. 2025. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/17173>. Acesso em: 14 out. 2025.
- FONSECA, M. J. M. Introdução à hermenêutica de Paul Ricoeur. *Millenium*, n. 36, 2009. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8284>. Acesso em: 12 nov. 2025.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*, v. 35, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- GOMES, N. L. Educação e identidade negra. *Aletria*: revista de estudos de literatura, v. 9, p. 38-47, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 20 maio. 2025.

HOFBAUER, A. Branqueamento e democracia racial: sobre as estranhas no Brasil. **Por que raça**, p. 151-188, 2007. Disponível em: <https://11nq.com/IF2Tt>. Acesso em: 20 fev. 2025.

KAYSER, W. **Análise e interpretação da obra literária**: introdução à Ciência da Literatura. Trad. Paulo Quintela. 3. ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1963. (Coleção Stu dium).

LIMA, A. T. **Literatura de autoria negra**: o narrador em diálogo na obra o avesso da pele, de Jeferson Tenório. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/268182>. Acesso em 10 jun. 2025.

MALCHER, A. 83% dos mortos pela polícia são negros, aponta relatório. **Correio Braziliense**, 20 jul. 2023. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2023/07/5110389-83-dos-mortos-pela-policia-sao-negros-aponta-relatorio.html>. Acesso em: 20 out. 2025.

MÉRIAN, J. Y. O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira: mito e literatura. **Navegações**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 50-60, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/navegacoes/article/download/3684/2834>. Acesso em: 19 maio. 2025.

MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MUNANGA, K. Preconceito de cor: diversas formas, um mesmo objetivo. **Revista de antropologia**, Labumbashi, v. 21, p. 145-153, 1978. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41616588>. Acesso em 10 dez. 2025.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: [https://biblio.fflch.usp.br/Munanga\\_K\\_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismooIdentidadeEEtnia](https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismooIdentidadeEEtnia). Acesso em: 17 maio. 2025.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro processo de um racismo mascarado**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NGANDA, N (org.). **Sumário executivo da pesquisa percepções sobre o racismo no brasil**. [S.l.]: Peregum – Instituto de Referência Negra, 2023. Disponível em: <https://projeto seta.org.br/wp-content/uploads/2023/12/Sumario-Executivo-Percepcoes-sobre-o-Racismo-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.

NOLLA, L. Jeferson Tenório: livros do escritor que você precisa conhecer. **Nova Brasil FM**, 2025. Disponível em: <https://novabrasilfm.com.br/arte-e-cultura/literatura/jeferson-tenorio-livros-do-escritor-brasileiro-que-voce-precisa-conhecer>. Acesso em: 20 dez. 2025.

OLIVEIRA, E. N. *et al.* Experiências de discriminação racial e racismo contra estudantes negros no Brasil. **Gestão e Desenvolvimento**, [S.l.], n. 32, p. 163-189, 2024. Disponível em: <https://journals.ucp.pt/index.php/gestaoeddesenvolvimento/article/view/16118>. Acesso em 5 dez. 2025.

PAIVA, O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PALMER, R. E. **Hermenêutica: o saber da filosofia**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 1969.

PEREIRA, E. Panorama da literatura afro-brasileira. **Callaloo**, [S.l.], v. 18, p. 1035-1040, 1995. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3298939>. Acesso em: 31 maio. 2025.

PINTO, M. C. C.; FERREIRA, R. F. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 256-266, 2014. Disponível em: [http://www.seer.ufsj.edu.br/revista\\_ppp/article/view/933](http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/933). 9 jul. 2025.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos avançados**, [S.l.], v. 18, p. 161-193, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/mJqCRgkgYfJzbnmfBJVHR9x/> Acesso em: 24 maio 2025.

PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. **Gênero e Raça – todos unidos pela igualdade de oportunidades: teoria e prática**. Brasília: MTb-a / Assessoria Internacional, 1998.

PSICÓLOGOS EM BRASÍLIA. O que é estereótipos raciais. **Psicólogos em Brasília**. Disponível em: <https://psicologosembrasil.com.br/glossario/o-que-e-estereotipos-raciais/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

RICOEUR, P. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Tradução: M. F. Sá Correia. Porto: RÉS-Editora, 1969.

SANTOS, L. M. G. **O cotidiano do racismo: microagressões raciais e implicações na saúde mental de jovens negras e negros**. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 14 out. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/43345>. Acesso em: 20 dez. 2025.

SANTOS, N. **Tornar-se negro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SANTOS, R. E. *et al.* Educação E Relações Étnico-Raciais No Brasil: Monoculturalismo Ea Construção Da Identidade Negra. **Aracê**, v. 7, n. 2, p. 9881-9897, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/3578>. Acesso em: 23 maio. 2025.

SILVA, A., *et al.* **Sociologia em movimento**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Moderna, 2016.

SILVA, E. G. “Mas você não é nem negra...”. **Negritudes, Mosaice**, 2024. Disponível em: <https://mosaice.com/artigos/racismo-colorismo-identidade-negra/>. Acesso em: 10 set. 2025.

SILVA, L. *et al.* Método qualitativo: Origem, conceitos e relevância nas Ciências Humanas. **SciELO Preprints**, 2024. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/9093>. Acesso em: 13 out. 2025.

SILVA, P. Revisitando A Obra “O Averso Da Pele”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 11, n. 33, p. 119-122, 2022. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/689>. Acesso em: 06 abr. 2025.

SILVA, J. R. *et al.* Construção de estereótipos e objetificação da população negra na sociedade brasileira-um olhar historiográfico. **RCMOS-Revista Científica Multidisciplinar O Saber**, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://submissoesrevistarcmos.com.br/rcmos/article/view/382>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SOUSA, J.; BRUSSIO, J. Racismo estrutural no Brasil: a luta por uma sensibilidade do mundo decolonial. **Revista ODEERE**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 264-284, 30 abr. 2023. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/370441149\\_Racismo\\_estrutural\\_no\\_Brasil\\_a\\_luta\\_por\\_uma\\_sensibilidade\\_do\\_mundo\\_decolonial](https://www.researchgate.net/publication/370441149_Racismo_estrutural_no_Brasil_a_luta_por_uma_sensibilidade_do_mundo_decolonial). Acesso em: 8 maio. 2025.

SOUZA, A. O. L. **Literatura afro-brasileira e resistência**: relações possíveis no romance Ponciá Vicêncio. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras (FURG), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2021. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0a23a8a1805336d715f6a729a6e599fc.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2025.

SOUZA, F.; LIMA, N. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

TEIXEIRA, M. S. S. P.; QUEIROZ, J. M. Corpo em debate: a objetificação e sexualização da mulher negra. Campina Grande. **Realize Editora**, 2017. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA24\\_ID402\\_17072017210303.pdf](http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA24_ID402_17072017210303.pdf). Acesso em: 15 ago. 2025.

TELLES, E. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

TENÓRIO, J. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.